

ANO DO CENTENÁRIO

REVISTA MENSAL
outubro 1998 2,50

Ave MARIA

A DIGNIDADE
DA PESSOA HUMANA

A RELIGIÃO E A CRIANÇA

Criança...

o futuro e a esperança

CARTA AO POVO BRASILEIRO

DEFININDO OS RUMOS
DA SOCIEDADE

REPORTAGEM ESPECIAL
CONVIVÍUM CLARET

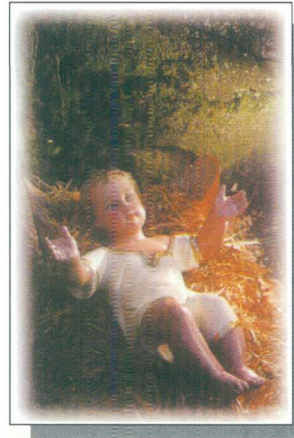
DIGA QUE VOCÊ AMA ENVIANDO UM CARTÃO DE NATAL À PESSOA AMIGA!



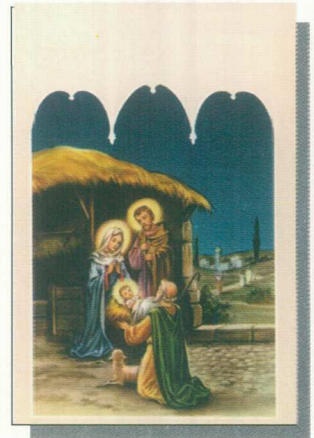
Nº 10



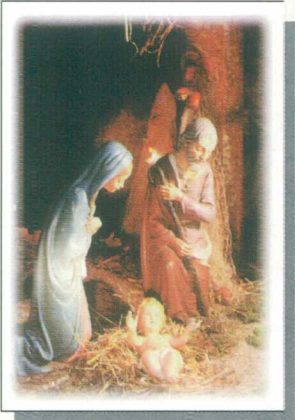
Nº 116



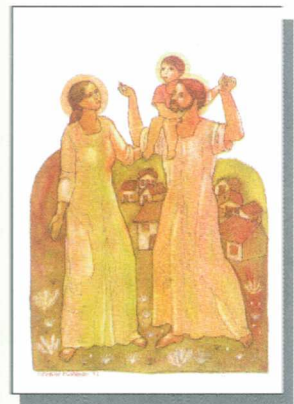
Nº 7/08



Nº 120



Nº 7/06



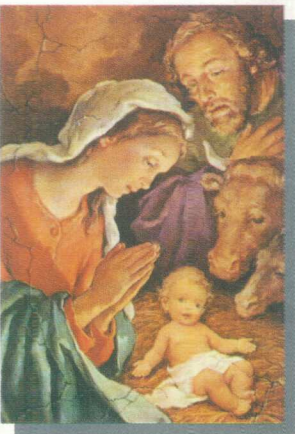
Nº 121



Nº 122



Nº 123



Nº 82



Nº 92

SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO

Caixa Postal 1205 — CEP 01059-970 — São Paulo, SP

Ao adquirir os cartões de Natal, estará ajudando as vocações sacerdotais nos seminários.

Preço de cada cartão: R\$ 0,50 (porte não incluído)

Cartão	Quantidade de Cartões
Nº 10 cartões
Nº 80 cartões
Nº 82 cartões
Nº 92 cartões
Nº 116 cartões
Nº 119 cartões
Nº 120 cartões
Nº 121 cartões
Nº 122 cartões
Nº 123 cartões

Preencha corretamente os pontilhados.

Nome
 Endereço
 Cidade Estado
 CEP Tel. ()
 Assinatura

Pagamento através de Reembolso Postal para os pedidos acima de 10 cartões.

TABELA DE DESCONTOS

Pedidos acima de 50 cartões: 10% de desconto; acima de 100 cartões: 15% e acima de 150 cartões: 30%.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62). Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Avelino S. de Godoy; Antônia Portero Simon.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP. Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades em domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura: R\$ 20,00. Número avulso: R\$ 2,50
Ligue grátis: 0800-55 5021

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela Revista Ave Maria a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin (RS); Alice Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); José Pereira da Silva (Londrina); Antônio Cesar (SP); Pe. Pedro Jordá; Maria Cristina Almeida Prado (SP); Luiz Paulo Zago, Araçatuba (SP).

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEUCOBRADOR.

"SERVIÇO BÍBLICO"

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

<http://www2.netpoint.com.br/claretianos/servbib/servbib.htm>

Ave Maria na Internet:

www.avemaria.com.br/revista

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br



Os sonhos dos pequenos

Todos já ouviram falar da Febem (Fundação para o Bem-Estar do Menor). Os menores lá acolhidos são meninos e meninas que, impedidos de sonhar, cometeram infrações leves como roubos, pequenos furtos e depredações de patrimônio.

No mês das missões, outubro, certamente uma importante tarefa para os cristãos é voltar-se para a criança carente. No dia da criança, no lugar de dar um presente a quem provavelmente já tenha dezenas, quem sabe seja melhor doar um presente àquelas que nada têm, nem pais que olhem por elas e nem com o que sonhar.

Um terço dos internos em Febem no Estado de São Paulo é reincidente. Atualmente os internos totalizam 3.900. A marginalidade não é pura opção. Os meninos e meninas de rua estão nessa situação porque não dispõem de escola nem de áreas de lazer, além de não terem família. A solução ainda é idealizada e procurada no castigar e no penalizar. Pouco ou quase nada se faz para reeducar e reacender neles o sonho de ser feliz.

Neste número, a revista Ave Maria traz para os leitores uma reportagem especial: "Criança...o futuro e a esperança" (p. 16). Motivados pela Campanha da Fraternidade deste ano: fraternidade e educação, os missionários claretianos assumiram a antiga Febem de Batatais, interior de São Paulo, transformando-a em "Convivium Claret". Um lar com um novo projeto de acolhimento, atenção e educação para 130 adolescentes. No lugar da repreensão, uma educação para a responsabilidade, num ambiente de respeito e reconhecimento da dignidade. Atividades esportivas e serviços educativos visando a reintegração na comunidade. Este é um compromisso concreto com uma sociedade, cujo desafio maior é reeducar o adolescente para a cidadania.

O Pe. João Batista Libânio, no artigo "A religião e a criança" (p. 7), lembra que a família equilibrada é o melhor alicerce para o crescimento sadio da criança, onde o sonho da felicidade não se apaga.

Nas eleições os políticos prometem tudo. Desde escolas para todas as crianças e jovens até trabalho permanente para os pais cuidarem do lar. No artigo "A síndrome da gata borralheira" (p. 8) Frei Betto questiona: quem faz propaganda (eleitoreira) enganosa não merece punição?

A Igreja Católica no Brasil oficialmente se posiciona diante do quadro econômico político e social que vai se agravando com a instabilidade do sistema econômico mundial. Na "Carta ao povo brasileiro" (p. 14) Dom Luciano Mendes de Almeida destaca quatro questões fundamentais para que todos tenhamos consciência da nossa realidade e com isso celebrar a entrada no terceiro milênio com a força do espírito de Jesus Cristo.

Vale a pena repensarmos nosso compromisso cristão com a sociedade. Se matarmos os sonhos dos pequenos hoje seremos vítimas deles, quando adultos, amanhã.

P.C.G.

Juventude e Direitos Humanos

No último domingo de outubro celebrou-se o Dia Nacional da Juventude (DNJ). Neste ano, o tema é: "Juventude e Direitos Humanos"; o lema: "Nas asas da esperança gestamos a mudança". O cartaz e o subsídio com encontro para jovens podem ser solicitados ao Centro de Capacitação da Juventude: Rua Bispo Eugênio Demazenod, 463-A, São Paulo, SP, CEP 03206-000 – fone/fax (011) 6917-1425, e-mail: ccj@ax.apc.org.br

Justiça em prática

Políticos, religiosos e pesquisadores sociais pediram às Igrejas da América Latina para que participem mais na sociedade e trabalhem para que os valores éticos do Evangelho prevaleçam na vida dos povos. Essa chamada foi firmada em carta aberta dirigida às Igrejas Evangélicas da América Latina, assinada em Buenos Aires, Argentina. O evento, que aconteceu entre os dias 29 de agosto e 1º de setembro, foi promovido por EPOS (Evangélicos, Política e Sociedade) e contou com a presença de 25 líderes de paz de dez países da região. "Sentimo-nos desafiados e

queremos incentivar a construção de uma nação justa, que inclua a participação plena de todos os seus habitantes", reza o documento. Até o ano 2000, EPOS vai convocar um novo encontro continental para fazer um balanço da presença dos evangélicos na vida pública.

CNBB critica campanhas políticas



Chamando os eleitores a pensar na prática e no bem comum, a CNBB emitiu declaração pública tendo em vista as eleições de 1998, na qual denuncia o desrespeito à pobreza pelo abuso do poder econômico. O texto critica o custo das campanhas políticas dos candidatos, alegando que os gastos são "acintosos diante das dificuldades vividas por tantos brasileiros". Pela primeira vez, em mais de cem anos de República, é possível reeleger os chefes dos Poderes Executivos nacional e estaduais. A CNBB alerta sobre o risco de abuso da máquina gover-

nemental. Embora a reeleição seja "uma opção democrática, sua adoção no Brasil ficou marcada por insuficiência na participação da sociedade e por suspeitas pouco favoráveis".

O documento foi redigido em Brasília, entre os dias 25 e 28 de agosto, pelo Conselho Permanente da CNBB, composto pela presidência, pela Comissão Episcopal de Pastoral e pelos bispos representantes dos Regionais da entidade. Com esse chamamento à nação, "não se pretende ajudar a eleger este ou aquele candidato, como se a Igreja fosse uma organização de governo ou um partido com bancada nos parlamentos. Não se quer, também, favorecer um ou outro partido. O imperativo da pluralidade partidária e da liberdade de opção dos eleitores é essencial ao funcionamento da democracia", assegura o documento.

Terras para 60 famílias

A Arquidiocese de Uberaba, MG, está doando 126 mil metros quadrados em bairro da cidade para regularizar os imóveis de 60 famílias que residem no local. As terras pertenciam à Arquidiocese. A doação foi oficializada no início do mês passado, em reunião entre o arcebispo local, Dom Aloísio Roque Oppermann,

com representantes da Companhia Habitacional do Vale do Rio Grande e do Conselho Comunitário do bairro. Além das famílias beneficiadas, há espaço para a própria igreja, escola pública, unidade de saúde, campo de futebol, salão de festas e a sede do Conselho.

Papa combate seitas

O Papa estimulou a Igreja a enfrentar "o desafio" que, ao seu entender, representam as seitas religiosas. Tal exortação ocorreu durante visita de bispos checos à Castelgandolfo, cidade onde está a residência de verão do pontífice, perto de Roma. "Em cada continente, e em cada país, a Igreja deve fazer frente a esse desafio", proclamou o Papa, recomendando uma nova difusão do Evangelho para responder ao fenômeno. Na ótica do Papa, que associa a presença das seitas "às problemáticas ligadas à moral familiar e ao respeito à vida, esses fenômenos "exigem estudos específicos, respostas dirigidas e soluções de longo alcance". Além de uma nova difusão do Evangelho, o Sumo Pontífice pediu ainda uma sustentação especial à família, salientando que, na República Checa, como em outros países, "as famílias crentes foram a defesa da fé nos períodos sombrios de perseguição".



Valorização da vida

O primeiro "Encontro dos Jovens Pró-Vida do Mercosul" será realizado entre os dias 10 e 11 deste mês, em Buenos Aires, Argentina. O evento, que conta com a participação de centenas de jovens da América do Sul, tem por finalidade promover o respeito e a defesa da vida humana, desde a sua concepção até a morte natural. O encontro visa coordenar esforços e iniciativas de todo o tipo em favor da vida na região. Estará presente o cardeal Alfonso Lopez Trujillo, presidente do Pontifício Conselho para a Família.

Pedalada ecológica



O Clube Armênio de São Paulo realizará, no dia 25 deste mês, o 7º Passeio Ciclístico Ecológico do Brasil. Entre outras atrações, a abertura do evento contará com a participação do Coral da 3ª Idade da Secretaria de Esportes e Turismo. A saída dos ciclistas se dará no Circuito Ecológico do Parque do Ibirapuera. (Para maiores informações, ligar para: (011) 570-6035).

Especialização religiosa



A Uniclar (Faculdades Claretianas) de São Paulo está abrindo suas inscrições para cursos em três diferentes áreas das Ciências da Religião: Sagrada Escritura, Teologia da Vida Religiosa e Espiritualidade. Os temas, destinados a religiosos e leigos com curso superior completo, aprofundam conhecimentos e práticas pastorais, através de um sistema de aprendizado teórico-participativo. Além de estimular a reflexão sobre o carisma próprio de cada Congregação, os cursos favorecem a análise crítica e reflexiva no exercício das atividades profissionais e pastorais. Outro objetivo da Uniclar é dar condições para que os participantes prestem um serviço mais eficaz à Igreja, à sua congregação e à sociedade. Maiores informações podem ser obtidas na própria faculdade pelo fone/fax: (011) 825-3377, ou e-mail: uniclar@nvc.com.br



S U M Á R I O

4. **A IGREJA NO MUNDO**
NOTÍCIAS
6. **PALAVRA DO PAPA**
A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA
7. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
A RELIGIÃO E A CRIANÇA
JOÃO BATISTA LIBÂNIO
8. **FÉ E CIDADANIA**
A SÍNDROME DA GATA BORRALHEIRA
FREI BETTO
10. **REFLEXÃO BÍBLICA**
UMA SINFONIA EM TRÊS MOVIMENTOS
GERALDO ARAÚJO LIMA
14. CARTA AO POVO BRASILEIRO
LUCIANO MENDES DE ALMEIDA
15. SENTIR-SE PEQUENO
PE. ZEZINHO
16. **REPORTAGEM ESPECIAL**
CRIANÇA... O FUTURO E A ESPERANÇA
CLÁUDIO GREGIANIN E EDUARDO RJSO
22. NOS BASTIDORES DA NOTÍCIA (continuação)
JOSÉ CARLOS SALVAGNI
24. **A SUA IGREJA**
COM MARIA, NA ESTRADA DE JESUS
ISIDORO DE NADAI
25. **HISTÓRIA DA IGREJA**
A IGREJA NA IDADE MÉDIA (continuação)
RONALDO MAZULA
28. **SANTOS - TESTEMUNHO DE VIDA CRISTÃ**
SÃO LUCAS EVANGELISTA E
ANTÔNIO MARIA CLARET
RONALDO MAZULA
30. UMA SOLUÇÃO PARA DESENTENDIMENTOS:
A PAZ COMUNICATIVA
FRANCISCO GOMES DE MATOS
32. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
DEFININDO OS RUMOS DA SOCIEDADE
WIMER BOTURA JR.
33. **CULINÁRIA**
YVONNE BARROS OLIVEIRA
35. **LITURGIA DA PALAVRA**
DE 1 A 22 DE NOVEMBRO
ADELINO DIAS COELHO
40. **RELENDO A BÍBLIA**
MALAQUIAS
NORMA TERMIGNONI
42. **MAÍRA**
TINA GLÓRIA

A dignidade da pessoa humana

Intervenção da Santa Sé no encerramento da Conferência da ONU.

Depois de 32 dias de trabalho, concluiu-se na manhã de sábado, 18 de julho, a Conferência diplomática promovida pela ONU para a instituição de um Tribunal penal internacional permanente. O texto do Estatuto da mencionada Conferência — em cuja redação participou ativamente também a Delegação da Santa Sé — prevê que o novo Tribunal poderá punir os crimes de genocídio, de guerra, de agressão e contra a humanidade.

Na cerimônia conclusiva, que se realizou no Capitólio de Roma na tarde daquele mesmo dia, a Santa Sé foi representada por S. Exa. d. Jean-Louis Tauran, Secretário para as Relações com os Estados.

Publicamos aqui a intervenção do Chefe da Delegação pontifícia, S. Exa. d. Renato Raffaele Martino, proferida na última assembleia plenária do mesmo encontro:

Senhor Presidente,

Há cinco semanas, na véspera do início desta Conferência, S. Santidade João Paulo II saudou os participantes, expressando a sua esperança de que “esta reunião constitua um momento histórico” (*Pós-Ângelus* de 14 de Junho de 1998, em: ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 20.06.98, p. 1).

A Santa Sé aprecia o amplo acordo alcançado em Roma, acerca da instituição de um Tribunal penal

internacional, “destinado a julgar os crimes mais graves que ofendem a humanidade” (*ibidem*). Este é um passo importante no longo caminho rumo a uma justiça mais integral.

A Santa Sé pediu que se criasse um Tribunal penal internacional, cuja existência garanta a tutela da



dignidade da pessoa humana. As vítimas das injustiças merecem a proteção da lei. Os crimes que reentram na jurisdição do Tribunal são hediondos, pois ofendem a consciência da família humana. Temos o prazer de observar que se consentiu a introdução desta noção no preâmbulo do Estatuto.

A consolidação da norma da lei na comunidade internacional exige uma cultura dos direitos humanos que fomente a igual dignidade de

todas as pessoas (cf. Congresso mundial «*Iustitia et Pax*», 4 de julho de 1998). A criação de um Tribunal que se ocupe dos crimes de genocídio, de guerra, de agressão e contra a humanidade (cf. ICC, *Esboço do Estatuto*, art. 5) deve ser acompanhada de um firme e perseverante compromisso moral em benefício da família humana em geral.

A Santa Sé considera a dignidade humana como uma parte integrante de todas as pessoas, independentemente do sexo, da idade, da origem étnica ou da fase da vida — desde o nascituro até as pessoas idosas. A Santa Sé reiterou a sua condenação de todas as formas de violação da lei humanitária internacional, de maneira especial daquelas que têm em vista os estratos mais vulneráveis da população civil. Durante a Conferência, a Santa Sé reconfirmou o seu empenho na salvaguarda dos direitos naturais e inalienáveis de todos os seres humanos.

Senhor Presidente, assim como muitos outros fazem, a Santa Sé continua a trabalhar pelo progresso da salvaguarda das vítimas inocentes dos graves delitos internacionais, mediante mecanismos jurídicos sólidos, justos, eficazes e prudentes.

João Paulo II



A religião e a criança

João Batista Libânio

**Por meio da relação
com o pai e com a
mãe e da percepção
de como os dois se
relacionam entre si,
a criança constrói
o alicerce.**

Outubro nos leva a pensar na criança. Tema sempre importante. O futuro da sociedade e da Igreja depende de como as crianças forem educadas. Jesus, de maneira surpreendente para seu tempo, mostrou interesse especial e terno carinho pelas crianças. A Igreja, nas pegadas de Jesus, teve sempre enorme preocupação pela formação religiosa e humana das crianças. Infelizmente nem todas as sociedades que pertencem ao ocidente cristão aprenderam essa lição de Jesus e da tradição da Igreja. Entre nós, assistimos horrorizados aos assassinatos de crianças além de outras perversidades.

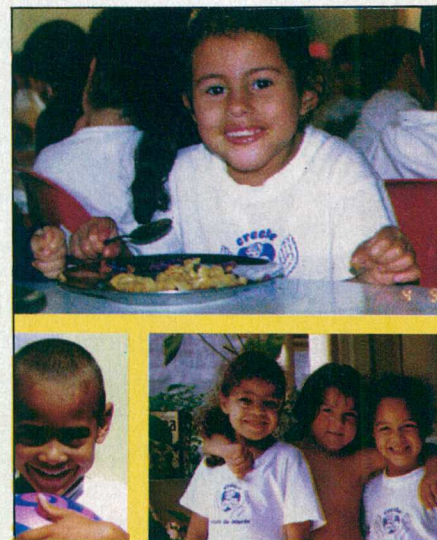
A criança é um ser místico por estrutura. Atrás da barulhenta alegria e dos esfuziantes jogos, esconde-se alguém capaz de passar horas e horas em silêncio, brincando e passeando pelo mundo da fantasia. Nós, adultos, esquecemos dessa capacidade e pensamos que a criança é só agitação.

Quando de minha estada em Moçambique, fiquei impressionado ao ver, durante uma longa liturgia, um magote enorme de crianças, todas juntinhas no canto de um salão, permanecerem caladas, atentas, doces e ternas. Aqueles anjinhos negros de olhos vivos e bem abertos sorviam a atmosfera sagrada da celebração.

Encanta-me, em minhas celebrações dominicais, observar crianças, sentadas nos primeiros bancos, a acompanharem tran-

qüilas a liturgia, cantando, refazendo em si os gestos religiosos. Elas gozam de maior proximidade da graça batismal, da presença límpida do Espírito Santo.

Infelizmente esse quadro não vale para todas as crianças. Parece até idílico. Estruturas familiares e sociais têm quebrado esse receptáculo do divino. Muitas são desde cedo vítimas de famílias desfeitas ou jogadas na rua da miséria física e moral. Outras de melhor condição familiar e social não recebem, porém, nenhuma educação para o sagrado. Os pais expõem-nas a intermináveis horas de TV ou de barulhentas músicas, ensurdecendo essa dimensão religiosa profunda que tantas outras revelam e cultivam. Falar de criança e religião equivale a perguntar-nos como cultivamos essa tenra flor religiosa. A base religiosa está profundamente ligada às primeiras experiências



afetivas na família. Por meio da relação com o pai e com a mãe e da percepção de como os dois se relacionam entre si, a criança constrói o alicerce. Sobre ele se assentarão a catequese, a frequência à Igreja, a aula de religião na escola e outras experiências de educação religiosa.

Ainda no seio materno, a criança pode absorver elementos religiosos, desde que a mãe lhe passe pelo cultivo de uma relação afetiva e religiosa com ela. Nos primeiros anos de vida, os pais transmitem à criança pela via emocional da socialização primária atitudes, sentimentos, afetos e conteúdos religiosos.

A maior ou menor receptividade, que a criança amanhã manifestará em face das propostas religiosas, depende muito desses primeiros anos anteriores a uma verbalização explícita. Não é retórica vazia nem sentimental a afirmação corrente de que os pais são os primeiros e

principais evangelizadores dos filhos. Fazem-no certamente muito mais pela via da experiência do que pela doutrina. Esta só adquire consistência se se apoiar sobre essa base afetiva primordial e fundante.

Evidentemente a catequese posterior poderá, por certo, não sem dificuldade, corrigir desvios e carências afetivas religiosas dos primeiros anos. Mas, em geral, é chamada a reforçar, aperfeiçoar, aprimorar esse primeiros anos basilares. É importante que na primeira catequese tematizada se conheça e se atenda à real condição afetivo-religiosa prévia da criança, para, em seguida, sobre ela construir o trabalho religioso com muito afeto, compreensão, carinho e só lentamente transmitir conteúdos.

Na mesma linha da catequese situa-se o trabalho da escola. Ela constrói em cima do alicerce lançado nos primeiros anos pela família. Por isso, o diálogo com ela torna-se fundamental para conhecer melhor de que material básico é feito o aluno. E nesse diálogo pode-se ajudar a família a preencher lacunas do passado. Além disso, a Escola, dentro de seus limites de tempo e espaço, cumpre função educativa. Corrige os desvios impingidos no percurso da criança, reforça os acertos e cria novas possibilidades, sempre em articulação com o construído na família e em colaboração com ela. Sem ela, trabalha-se quase em vão.



João B. Libânio é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma). Professor de Teologia e Diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

A síndrome

Frei Betto

Política é como salsicha, melhor não saber como se faz. Em se tratando de campanha eleitoral, tudo fica mais complicado, pois os ingredientes da receita não condizem com o paladar dos eleitores.

Os candidatos pertencem a um partido que, teoricamente, defende um programa para o Brasil. Não sei qual seria o resultado de uma entrevista que pedisse aos candidatos para destacarem dez pontos fundamentais do programa de seus partidos. Desconfio que a maioria nunca o leu.

Ocorre que há eleitores que priorizam a preferência partidária, e não o candidato. Se o político troca de partido, corre o risco de perder a eleição, pois muitos eleitores negam apoio a quem cede ao pecado da infidelidade partidária.

Assim, os partidos transformam-se em confederações de tendências. São como a *matrioska*, aquela coleção de bonecas russas encaixadas uma dentro da outra. Os partidos abrigam partidecos que, por sua vez, travam suas disputas internas. Como diria tia Quitéria, deve ser por isso que se chamam partidos... Alguns deveriam ser qualificados de repartidos.

Na eleição a governador e presidente da República o que conta — além do horário gratuito no rádio e na TV, dividido como as terras do Brasil... — é o marketing. É nessa área que ocorre a mais evidente contradição, resultante de três afluentes que deságuam numa imensa pororoca: o candidato, o

partido e a agência de publicidade contratada para maquiagem o político.

Os partidos não costumam ter assessoria de imprensa e, muito menos, um departamento de marketing, o que é uma falha. Aos candidatos, que em geral não podem dispor de assessoria permanente, não resta alternativa senão improvisar. Procuram um jornalista que tenha com eles um mínimo de afinidade ideológica e, se possível, afetiva, e o contratam.

Há casos em que o assessor de imprensa é um profissional de aluguel — trabalha para quem paga, não importa se o candidato é de direita (para não cair no chavão, recorro a Bobbio: ou seja, aceita como natural e/ou justificável a desigualdade social) ou de

**O eleitor recebe,
pela janelinha
eletrônica, um
produto tão
maquiado quanto
um refrigerante ou
uma margarina. O
candidato não fala
o que pensa nem o
que sente.**



da gata borralheira

esquerda (não se conforma com a desigualdade social).

Tudo se complica, quando chegam as horas do rádio e da TV. Os marqueteiros eleitorais são poucos e, em geral, disputadíssimos. Por isso, são caros. E trabalham para quem paga. Os partidos de direita, plenos de poder e dinheiro, contratam os mais competentes. Para a direita tudo é mais simples, pois se move por interesses, ao contrário da esquerda, que se move por princípios (ou deveria fazê-lo).

Na falta de clareza de seus princípios e no afã de ganhar a eleição, a oposição acaba agindo espelhada na direita: contrata uma equipe de publicidade que nada tem a ver com a sua proposta política, a preço astronômico

comparado à receita média dos partidos aliados e, sobretudo, ao que ganham os outros profissionais da mesma campanha.

Marqueteiros eleitorais dificilmente são de esquerda. Eis um complicador. Alguém deve ceder: o marqueteiro, submetendo-se às decisões da coordenação da campanha, ou o candidato, submetendo-se às exigências de marketing.

Em geral, cede o candidato e, com ele, o programa da campanha, a índole do partido e o perfil ideológico que atrai seus eleitores. Resultado: a síndrome da gata borralheira.

Eis a síndrome da gata borralheira: o político é popular e progressista mas, em mãos da fada marqueteira, ganha o perfil de

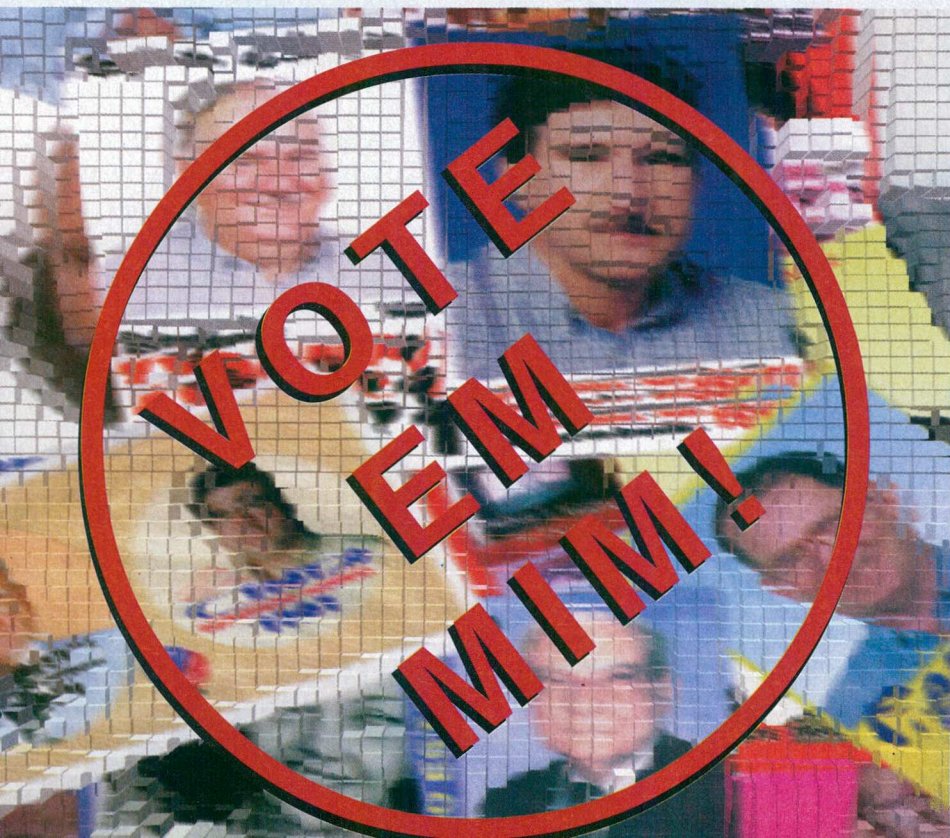
linda donzela e ainda acredita que atrairá eleitores quais príncipes enamorados. Nesse baile de nobres, seu discurso adquire moderação, os temas polêmicos ficam debaixo do tapete, já não se pode distinguir entre a gata borralheira e as moças da corte.

Há na propaganda política uma abissal diferença entre o Brasil real e o Brasil eleitoral. Por isso, o governo FHC e, em especial, o PSDB — que fora do governo não atrai aos comícios nem familiares de seus candidatos — tratou de aprovar a lei que proíbe a exibição de cenas externas.

Foi o recurso para impedir que a campanha Lula/94 mostrasse a *Caravana da Cidadania* pelo Brasil afora. Assim, o eleitor passou a só ter acesso a políticos editados e realidades fictícias (não seria um caso típico de propaganda enganosa?).

Embora essa proibição de cenas externas tenha caído nas eleições deste ano, muito do que se mostra na TV é cenário e montagem de estúdio. Eis-nos em plena virtualidade política! O eleitor recebe, pela janelinha eletrônica, um produto tão maquiado quanto um refrigerante ou uma margarina. O candidato não fala o que pensa nem o que sente. Lê no *teleprompter* (vídeo de texto) o que foi escrito pelos marqueteiros. Tudo soa falso: o sorriso, o tom de voz, o gesto e, quase sempre, as promessas.

Um modo de quebrar esse reino de cinderela seria introduzir nas campanhas debates televisivos obrigatórios. Assim, a coisa seria




para valer, sem maquiagem, sem teleprompter, sem gestos ensaiados. O candidato diria o que pensa e o que não pensa, reagindo com suas emoções e convicções. Todavia, parece que desta vez não teremos debates. FHC se recusa a enfrentar os concorrentes ao vivo.

A reforma da lei eleitoral é tão urgente quanto a reforma agrária, em especial nos itens: fidelidade partidária e controle dos fundos que sustentam as campanhas.

A propaganda eleitoral pela TV pesa muito nas oscilações da bolsa eleitoral de um candidato. Ocorre que o meio é a mensagem e, a TV, um veículo viciado. Nela o conteúdo importa menos que a emoção, vide Ratinho e tantos programas afins.

Em se tratando de campanha, tudo se complica, porque sobe nas pesquisas quem produz mais efeitos especiais. O bonito ganha do feio; o rico, do pobre; o histriônico, do tímido; o mentor de assassinos, daquele que defende os direitos humanos.

Em suma, essa engrenagem eleitoral é para manter o sistema e, com ele, as oligarquias no poder. A oposição chegar ao poder através dela é tão viável quanto acertar os seis números premiados da mega-sena. Mas, vale tentar, desde que haja fidelidade ao drama de 100 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. 



Frei Betto é escritor e autor dos romances *O Vencedor*, e *Alucinado Som de Tuba* (Ática), entre outros livros.

Uma sinfonia

Foi pela fé que Moisés, na idade adulta, renunciou ser filho de uma filha do faraó. Preferiu ser maltratado com o povo de Deus a gozar, por um tempo, do pecado”(Hb 11, 24-25).

Geraldo Araújo Lima



Não resta dúvida de que Moisés é um dos homens mais badalados da história. Afinal de contas, é a figura central de quatro livros do Antigo Testamento: Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Não só: seu nome é citado 80 vezes no Novo Testamento! Com ele começa a caminhada de Israel como povo organizado. É o grande legislador da Bíblia; peça-chave em toda a história da salvação. Dele diz o Eclesiástico: *Um homem de bem que encontrou favor aos olhos de todo mundo, amado por Deus e pelos homens, Moisés, cuja memória é uma bênção* (Eclo 45,1).

O escritor judeu Filo de Alexandria, contemporâneo de Jesus, escreveu uma *Vida de Moisés*, na qual o apresenta aos gregos como sendo o maior dos filósofos, anterior a Platão e a Homero. No século IV, São Gregório de Nissa também escreveu uma *Vida de Moisés*, em que este é apresentado como modelo da perfeição cristã, ao ponto de concluir, enfático: “Moisés somos nós; Moisés és tu!” Acho que Gregório tem razão: nós temos muito a aprender com Moisés. A caminhada dele deve servir de espelho para a nossa.

No seu comvente livro *Apresento-lhes a Baronesa*, o Pe. Héber

em três movimentos

Salvador de Lima dedica um capítulo à bibliotecária de Madonna House (a grande obra que a baronesa russa, Catarina de Hueck Dogherty, implantou no Canadá). Entre outras coisas, ele pede à moça que explique o estranho letreiro que ela própria afixara no seu gabinete de trabalho: *I am the third* (eu sou a terceira). A explicação foi rápida e objetiva: “Na minha vida, de modo absoluto e incontestado, Deus é o primeiro. O segundo é o outro, o próximo, seja ele quem for. Por conseguinte, eu serei sempre a terceira, estarei sempre no terceiro lugar”.

Aqui está em essência a longa e penosa caminhada de Moisés. Seus 120 anos de existência (cf. Dt 34,7) são divididos em três períodos iguais, de 40 anos cada um (cf. At 7, 23.30), nos quais a pessoa do grande legislador foi deslocada sucessivamente do primeiro para o segundo e o terceiro lugares, de maneira que também ele poderia ter afixado na entrada de sua tenda o letreiro da moça: *I am the third* (eu sou o terceiro)!

Acompanhemos de perto essa trajetória.

Moisés, o primeiro.

Até aos 40 anos, toda a vida de Moisés girou em torno de si próprio. Sua pessoa era o centro de tudo: das atenções, das ocupações e das preocupações. Como todos os meninos hebreus do seu tempo, já nasceu escravo e condenado à morte. Efetivamente, o faraó havia decretado que todo menino que

nascesse entre os hebreus fosse atirado ao Nilo para servir de pasto aos crocodilos. Somente as meninas poderiam sobreviver (cf. Ex 1, 22).

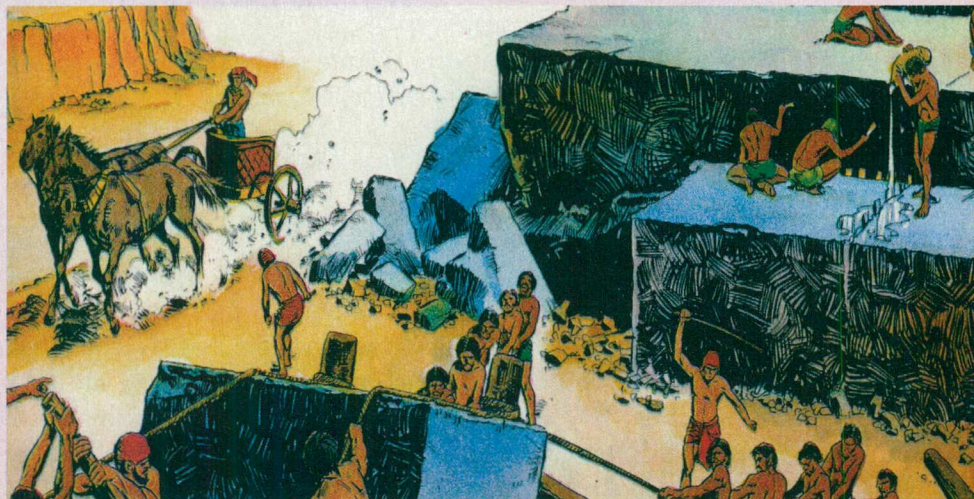
Mas o garoto teve sorte: foi encontrado no rio pela filha do faraó, a qual o adotou como filho. Não apenas escapou da morte, como passou da condição de escravo hebreu para a de príncipe egípcio. *Assim foi Moisés iniciado em toda a sabedoria dos egípcios, e tornou-se poderoso em suas palavras e obras* (At 7, 22). E nós sabemos o que significava aquela sabedoria. Para se ter uma idéia, quando Moisés nasceu, no século XII a.C., as famosas pirâmides de Quéops, Quéfren e Miquerinos, que ainda hoje encantam o mundo, já tinham cerca de 1.300 anos de história! Àquela altura, a sabedoria do Egito já era proverbial em todos os aspectos. No campo da política, o Egito era um império muito organizado. Economicamente, apresentava uma sólida estrutura interna. Tecnicamente, era um povo imbatível na arte de construir

imensos edifícios e formidáveis templos. Os hieróglifos atestam a existência de uma literatura bem desenvolvida, sobretudo no campo sapiencial.

Naquele contexto de primeiro mundo, *Moisés tornou-se poderoso em suas palavras e obras*. Além de belo (Cf. Ex 2,2), era forte, rico e culto. Estavam à sua disposição as mordomias do palácio com sua vida refinada e sofisticada. Um esplêndido presente e um futuro promissor! O que lhe faltava ainda? Realmente, ele ocupava o primeiro lugar!

Moisés, o segundo

Mas... *quando completou 40 anos, veio-lhe à mente visitar seus irmãos, os filhos de Israel* (At 7,23). No melhor da festa, Moisés descobre que não é nem príncipe nem egípcio. Seu povo não é o que domina, mas o que é dominado. De repente, desperta dentro dele um vivo interesse pelo outro, pelo próximo, pelo irmão sofrido. Rapidamente, o outro cresce em



sua mente e em seu coração, começando a ocupar o primeiro lugar e a empurrar Moisés para o segundo. Um forte senso de justiça se apodera dele, de tal modo que o leva até a assassinar um egípcio, que batia em um hebreu. Com isso incompatibilizou-se com o faraó, que procurou matá-lo. A partir daí, Moisés perdeu o *status* de príncipe e a cidadania egípcia.

Seu amor desinteressado pelo próximo levou-o ainda a tentar apartar uma briga entre dois hebreus. O troco que recebeu foi decepcionante: *Quem te constituiu nosso chefe e nosso juiz* (Ex 2,14). Foi rejeitado pelos irmãos de raça. E agora, que fazer? Perdeu tudo: não tem mais povo, nem pátria, nem religião. Sem terra, sem teto, sem emprego, sem lenço e sem documento! Única saída: fugir para o deserto. Só levou consigo uma imensa vontade de ser útil, de ajudar o outro, que ocupava o primeiro lugar em seu coração.

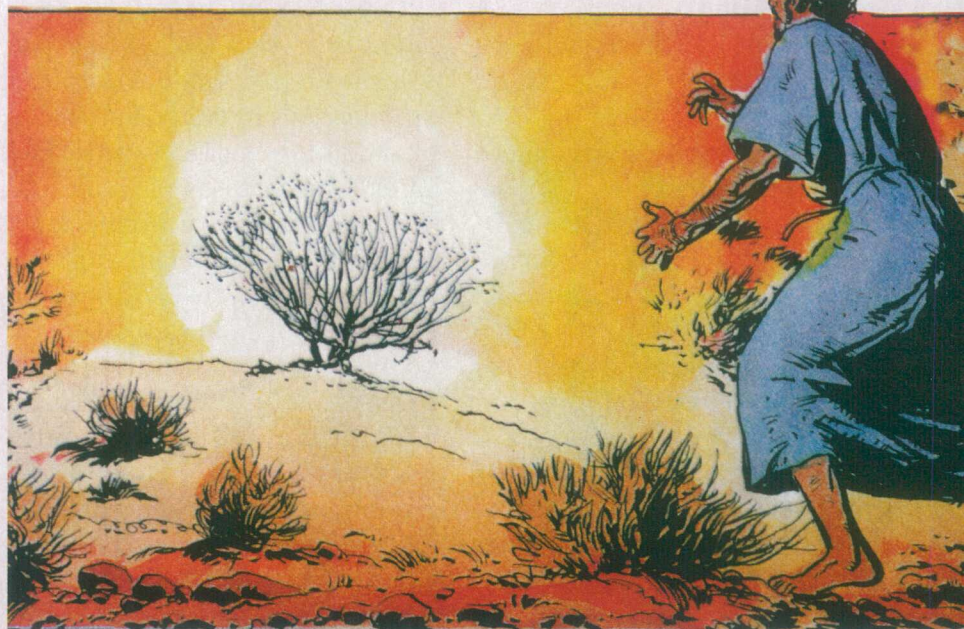
Ao cair da tarde, Moisés, cansado, faminto e sedento, chegou junto a um poço. Vieram umas moças madianitas, trazendo o rebanho do seu pai para dar de beber. Depois que tiveram o trabalho de encher os bebedouros, sobrevieram uns pastores e as expulsaram dali. Moisés observou com tristeza: “de novo a injustiça, a opressão, a discriminação. Sempre o maior espezinhando o menor!” Não houve outro jeito senão comprar outra briga: de imediato, assumiu a causa das pastoras contra os pastores e fez “prevalecer a força do direito contra o direito da força” (antecipando-se em 30 séculos ao nosso grande Rui Barbosa). Esqueceu-se de si, mas não se esqueceu do outro. Afinal, sua

pessoa e seus interesses estavam em segundo plano.

As moças eram filhas de um sacerdote madianita, chamado Jetro, que acolheu Moisés em sua casa, dando-lhe inclusive a mais velha, Séfora, por esposa. Daqui para a frente, o ex-príncipe, poderoso em palavras e obras no Egito, vai ser apenas o pastor das ovelhas do sogro no deserto. As moças com isso cresceram, mas ele diminuiu: vai fazer tão somente aquilo que elas faziam. Ele próprio reconhece: *Sou um imigrante em terra estrangeira* (Ex 2,22). E aquela vida sem horizonte naquele

uma sarça ardendo em fogo, porém sem se consumir. Apesar da idade e de tantas decepções acumuladas, Moisés ainda era um homem capaz de vibrar com o insólito; era um homem aberto ao novo. Disse consigo mesmo: *Darei uma volta, e verei este fenômeno estranho, porque a sarça não se consome* (Ex 3, 3).

E Deus estava na sarça ardente! Estava ali para se encontrar com Moisés. Estava ali para entrar na vida dele e ocupar o primeiro lugar, absoluto e incontestado, empurrando o próximo para o segundo e, conse-



horizonte sem vida vai-se arrastar por mais 40 anos!

Moisés, o terceiro

Aos 80 anos (cf. Ex 7,7; At 7,30), o velho pastor continuava ainda vasculhando o deserto, à cata de alguma pastagem para o rebanho. Um dia, terminou chegando às encostas abruptas do Sinai. De súbito, um fenômeno quebrou a monotonia daquelas paragens:

qüentemente, o próprio Moisés para o terceiro. Deus esperou 80 anos! Ou melhor: fez o pobre Moisés esperar 80 anos! Isaías tem toda razão em desabafar: *Tu és um Deus que se esconde, ó Deus de Israel* (Is 45,15). Ah! as demoras de Deus! Se bem que, segundo a experiência de Pedro, *não haja demora, como pensam alguns, o que Ele está é usando de paciência para conosco, porque não quer que ninguém se perca, mas que todos*



venham a converter-se (2Pd 3,9).

Deus entra de sola: depois de haver tirado tudo da vida de Moisés, ainda exige que este *tire as sandálias dos pés* (Ex 3,5). É o despojamento total. E acrescenta: — *Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor por causa dos seus opressores* (Ex 3,7). Moisés poderia ter retrucado: — *Senhor, isto eu já vi e ouvi 40 anos atrás!* Mas não o fez. Tornou Deus: *Eu te enviarei para fazer sair do Egito o meu povo... Não temas: Eu estarei contigo!* Moisés poderia ter acrescentado: — *E por que o Senhor não esteve comigo 40 anos atrás, quando eu próprio me propus a libertar o povo?* Não o fez, todavia.

Aliás, se assim tivesse acontecido, o povo seria de Moisés; Moisés seria o salvador do povo; Moisés seria o primeiro! O povo continuaria sendo possessão humana, mudando apenas de um dono para outro: do faraó para Moisés. Para o povo ser realmente de Deus, e não de Moisés, era preciso que este passasse por todo aquele processo de esvaziamento e se convencesse de que, realmente, o seu lugar não era o primeiro, mas o último, pois *aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos* (Mc 10, 44).

A partir daquela primeira experiência mística, Deus assumiu todos os comandos da vida de Moisés. Este tornou-se o grande “pontífice”, ou seja, o *fazedor de pontes* entre Javé e o povo, e vice-versa, e, a um tempo, profeta, porta-voz, intercessor e saco de pancadas. A intimidade de Moisés com Deus era tanta que *Javé falava com ele face a face, como um homem fala com outro* (Ex 33, 11). Mas, para galgar aqueles píncaros da união mística, fizeram-se neces-

sários os 40 anos de ascese, de deserto, de “subida na noite escura”, conforme a abalizada terminologia de São João da Cruz. Tal ascese fez com que Moisés, violento e belicoso por natureza, se tornasse *um homem muito humilde, o mais humilde dos homens que havia na terra* (Nm 12, 3).

Para que Deus ocupasse efetivamente todos os espaços interiores de Moisés, era preciso que estes fossem antes esvaziados sumariamente de tudo, pois o Senhor não pode ocupar um lugar já ocupado por outrem. Tal processo de esvaziamento deveria continuar por toda a vida, sem jamais conhecer tréguas. Moisés não apenas *viverá de fé, mas morrerá na fé, sem ter obtido a realização da promessa, depois de tê-la visto e saudado de longe e depois de se reconhecer estrangeiro e peregrino nesta terra* (Hb 11,13). Ser-lhe-á, com efeito, negado o direito de entrar na terra prometida como os seus de sua raça, até mesmo o de ter um túmulo ou uma pirâmide, como seus irmãos de adoção, os príncipes egípcios (cf. Dt 34, 4-6). Sua memória não precisará de algum monumento para perpetuar-se através dos tempos, pois que estará sempre viva na memória do povo: *Em Israel nunca mais surgiu um profeta como Moisés* (Dt 34,10).

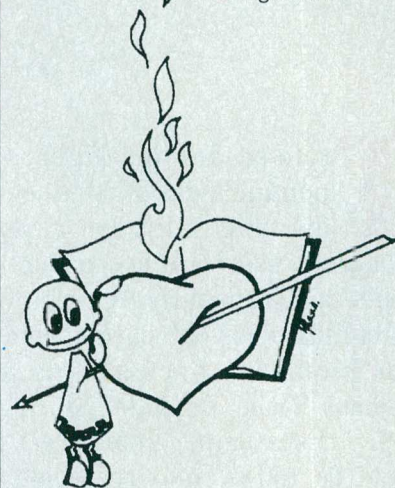
Afinal, “sua memória é uma bênção”!



Geraldo de A. Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino, (Roma) e Prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jabotão do Guararapes, PE.

**“Senhor,
o nosso coração
está inquieto...”**

Santo Agostinho



**JOVEM,
O SEU CORAÇÃO
ESTÁ INQUIETO?**

**Venha ser
AGOSTINIANO(A)**

FREIS AGOSTINIANOS
Seminário Santo Agostinho
Caixa Postal 62
12900-000 BRAGANÇA
PAULISTA, SP
Tel.: (011) 7844-1771

IRMÃS AGOSTINIANAS
Secretariado Vocacional
Rua Bagé, 73
04012-140 - São Paulo, SP
Tel. (011) 571-8959

Carta ao povo brasileiro

Luciano Mendes de Almeida

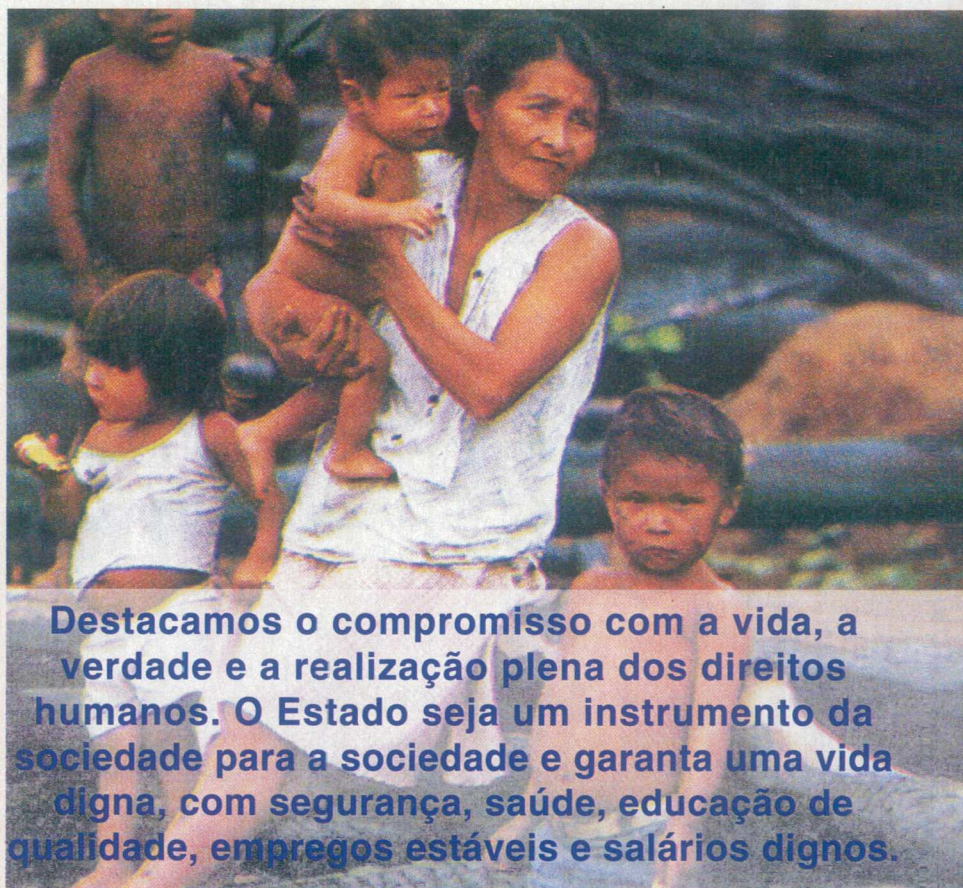
Trata-se de uma vigorosa denúncia das dívidas sociais que atingem a população brasileira e do convite e apelo para superá-las. A carta foi elaborada pelos 396 participantes do “Momento Nacional” da 3ª Semana Social, em Itaici, SP, de 4 a 8/8. Essa ampla assembléia é fruto de 150 eventos regionais e locais envolvendo mais de 10 mil pessoas nas várias modalidades da 3ª Semana Social Brasileira, coordenada pela CNBB em colaboração com entidades ecumênicas e movimentos populares.

A motivação desse momento de forte reflexão nasce da fé cristã e do anseio de promover a vida do povo. Está em sintonia com a convocação do papa João Paulo II para realizarmos, na entrada do novo milênio, o “Jubileu Bíblico”, que expressa a missão permanente de Jesus Cristo na construção do reino de Deus.

O Jubileu tem a intenção de resgatar as dívidas sociais e fazer que as relações humanas sejam caracterizadas por amor, justiça e comunhão.

A carta, em estilo conciso e claro, aborda quatro questões:

1) Quais as dívidas sociais que atormentam nosso povo? Segue-se a enumeração dessas dívidas, desde o desemprego, os sem-terra, o extermínio dos povos indígenas e a fome torturante, o sucateamento



Destacamos o compromisso com a vida, a verdade e a realização plena dos direitos humanos. O Estado seja um instrumento da sociedade para a sociedade e garanta uma vida digna, com segurança, saúde, educação de qualidade, empregos estáveis e salários dignos.

dos serviços de saúde e educação, até recordar a violência, as injustiças, a corrupção, a falta da democracia real e as distorções dos meios de comunicação de massa, fatores que revelam um projeto político excludente.

2) Entre as raízes profundas das dívidas sociais, quem não identifica, entre outros, o processo colonizador europeu, os séculos de escravidão, a subordinação do Estado aos interesses privados

nacionais e internacionais? O recente modelo neoliberal veio reforçar ainda mais a desigualdade estrutural na sociedade brasileira, sufocando pela idolatria do mercado os valores da igualdade, solidariedade, soberania nacional e democracia participativa.

3) Daí a necessidade de um novo projeto de sociedade que assegure a distribuição da riqueza, das rendas, da terra, do poder e do saber, criando oportunidades para



que todos os brasileiros possam viver com justiça, dignidade e alegria. São pioneiros nessa ação solidária os movimentos populares, as lutas pelos direitos sociais, políticas públicas e a defesa do meio ambiente.

4) Que compromissos assumir para realizar o projeto de Deus na construção da sociedade democrática? Somos convidados a cumprir deveres fundamentais que, neste período eleitoral, poderiam servir como critérios para a escolha de candidatos em vista da promoção do bem comum.

Destacamos o compromisso com a vida, a verdade e a realização plena dos direitos humanos. O Estado seja um instrumento da sociedade para a sociedade e garanta uma vida digna, com segurança, saúde, educação de qualidade, empregos estáveis e salários dignos. Assegure-se o exercício pleno da cidadania contra a corrupção eleitoral promovida pelo poder econômico. A globalização solidária e ecológica substitua a globalização financeira e excludente.

A dívida externa que foi ilegítima e injusta seja identificada e cancelada. Haja limites orçamentários para os gastos com o pagamento das dívidas externas e internas, compatíveis com o resgate das dívidas sociais e ecológicas.

A carta, que, sem dúvida, será divulgada e lida na íntegra, em cada casa e igreja, atraia as bênçãos de Deus e reforce na sociedade brasileira, especialmente entre os jovens, a esperança da justiça e da solidariedade.



D. Luciano Mendes de Almeida, arcebispo de Mariana, MG.

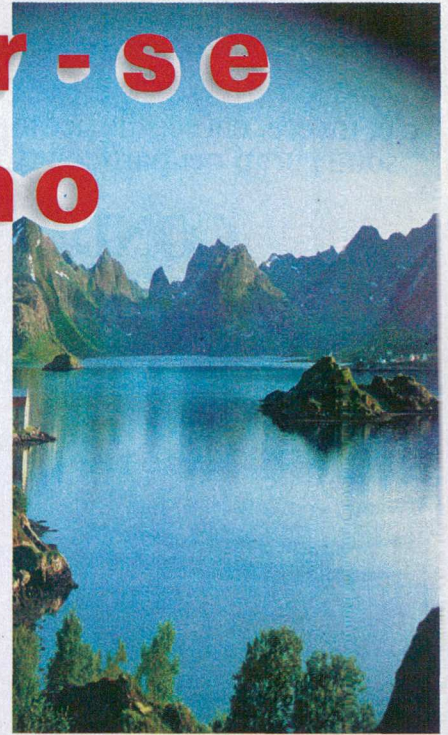
Sentir-se pequeno

Pe. Zezinho

Uma das conseqüências de encontrar Deus é que a gente quer ficar cada dia menor e quer ver Deus cada dia maior no coração dos outros. O santo é aquele que descobriu parte da grandeza de Deus e, por isso, pelo tanto que já viu, sente o quanto precisa viver bem para ser digno do que já viu.

Sente-se pequeno o viajante no deserto, o marinheiro no mar e o aviador no céu. Ali, sem limites vizinhos, percebe-se que tudo é pequeno, por maior que pareça. Quem já teve a graça de experimentar o dom da fé sente-se pequeno e aceita a vida com muito maior serenidade. A isso os místicos chamam de repousar em Deus. Acabam as ambições imediatistas, mas, nem por isso, o espírito de luta e de serviço aos outros. Mas, agora, já não se buscam elogios ou recompensas. Repetem a frase de Jesus: *Somos servos inúteis. Não fizemos mais do que nossa obrigação* (Lc 17, 10).

Os santos são pessoas serenas, mesmo quando precisam denunciar. São pequenos e o mar é enorme, mas sabem que vão chegar. Então, navegam sem medo, mas sem esquecer que são pequenos e precisam de ajuda; voam sem medo, mas não dispensam ajuda de vozes da terra e do céu; atravessam o deserto, não sem olhar para as estrelas.



O santo nunca se sente perdido. Ele tem uma bússola dentro do coração que aponta para o norte de Deus. Por isso, apenas sente-se pequeno. Pequeno, mas não inútil nem derrotado. Menor do que ele são os pássaros e as flores do campo e Deus cuida deles e delas (cf. Mt 6,26).

Por que não cuidaria de um ser humano muito mais imagem dele? Humildade rima com esperança. Nunca vi uma pessoa humilde que não fosse sonhadora e esperançosa. É desse tipo de gente pequena que o mundo precisa. Se o reino de Deus acontecer aqui, será por causa de gente desse tamanho !...



Pe. Zezinho, José Fernandes, é sacerdote da Congregação "Sagrado Coração de Jesus", escritor, compositor, cantor e confeccionista.

Criança . . . o futuro e a esperança

*Convivium Claret, uma obra no presente
a serviço da Vida*

*É o Espírito Santo que
nos infunde a virtude da
esperança e nos oferece
motivações sólidas e
profundas para o esforço
cotidiano, na
transformação da
realidade para torná-la
conforme ao projeto de
Deus.*

(Texto-Base, CF-98).

O tema da Campanha da Fraternidade/98 – A Serviço da Vida e da Esperança — mais do que nunca, encontra forte ressonância na iniciativa de entidades preocupadas com os caminhos da educação e formação de seres humanos. Principalmente durante este mês de outubro, que poderia ser chamado de o mês do futuro — porque é dedicado às crianças. Muita gente de boa vontade, com muito potencial e disposição para a doação, sabe disso. Estamos caminhando para o final de mais um ano. Surgem, então, as primeiras sensações provenientes dos balanços pessoais. Atitudes humanizadoras de certas entidades podem atrair sentimentos semelhantes e, quem sabe?, independentemente das proporções, provocar atitudes como essas.

Todos já ouviram falar da Febem (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor). É apenas uma sigla com cinco letras. Mas, além de causar calafrios em qualquer pessoa, é capaz de nos remeter à lembrança de métodos medievais. Estes, utilizados para obtenção da disciplina, levam às conseqüentes rebeliões dos menores infratores. Tal assunto

Novos rumos



Algumas das crianças posando para foto em um dos lares do **Convivium Claret**.

periodicamente vem ocupar do bom espaço na mídia. De outro lado, sem causar tanto barulho assim, havia as chamadas UEPs (Unidades Educacionais de Permanência). Nome um pouco mais delicado para intitular uma subdivisão de menores carentes abandonados, o que é bem diferente de menores infratores. Todavia, para algumas pessoas menos informadas, até agora prevalece o estigma cinzento que representa a Febem. Sentimento este que, muitas vezes, ainda pode fechar uma porta e selar o futuro de alguém digno de um voto de confiança.

Em 1995, o Governo do Estado iniciou o processo de municipalização de suas três Unidades Educacionais do interior de São Paulo. Além de proporcionar melhores condições para que trabalhassem mais e melhor, o objetivo era adequar essas unidades de menores carentes ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). As medidas de

proteção à criança e ao adolescente são aplicáveis sempre que os direitos forem reconhecidos nesta lei: 1º - Por ação ou omissão da sociedade ou do Estado; 2º - Por falta, omissão ou abuso dos pais ou responsáveis; 3º - Em razão de sua conduta (cf. cap.1º, art. 98 - ECA).

“Aqui é bom! Vivo bem e melhorou muito. O modo como os funcionários tratam a gente é melhor agora. Nós éramos vistos com outra cara”.
Éverton Henrique
Alexandre, 15 anos.

Depois da municipalização de Lins (SP), em 95, e de Iaras (SP), em abril deste ano, chega a vez, em maio último, da chamada UEP 5, localizada na cidade de Batatais, norte do Estado de São Paulo. Inicialmente foi oferecida à Prefeitura daquela cidade. Esta, alegando impossibilidade financeira, propôs aos Claretianos de Batatais assumir aquela responsabilidade. Presentes na cidade desde 1925, os Missionários deram àquela casa o nome de *Convivium Claret*. Daquele dia em diante, aqueles meninos carentes ganhariam uma grande e dedicada família, muito mais que outra nova administração.

A proposta da Febem era de reintegrar esses meninos em suas famílias. Desse modo, não havia a preocupação de se formar esses educandos para a vida. Em 90% dos casos, a reintegração familiar era impossível. O *Convivium* optou pela formação a longo prazo, o que faz bastante diferença.



Funcionários do **Convivium Claret** em frente à fachada da entrada principal.

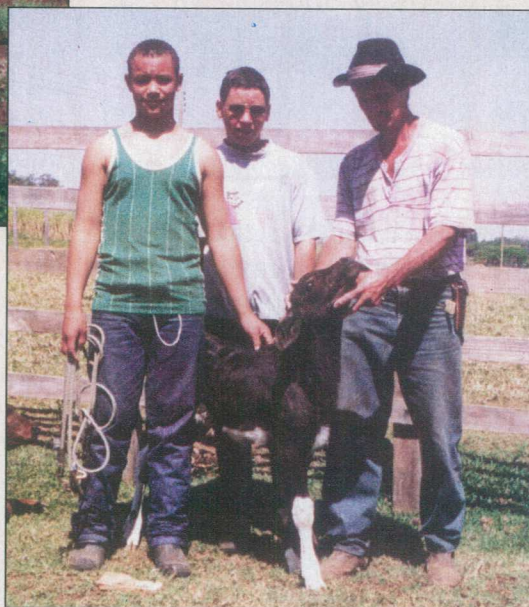


*Atividades no **Convivium Claret** são uma constante muito importante para que os internos se qualifiquem para o futuro. A horta e a pecuária estão entre elas.*

“Porque, de qualquer forma, não adianta a criança voltar para uma família ainda desestruturada. Os serviços de assistência social e psicológica trabalham intensamente, não apenas com as crianças, mas também com as famílias, para que haja esse contato saudável. Esgotadas todas as possibilidades, a criança vai sendo formada para uma

vida autônoma”, afirma Cássia Nori Soave, assistente social do *Convivium*. “A decisão em retornar às suas famílias fica inteiramente por conta das crianças. Inclusive, como respeito à sua individualidade, elas são ouvidas por juízes quanto à sua decisão”, continua Cássia.

Ao todo, são 128 garotos com idades que variam dos 6 aos 18 anos, vindos das regiões de Ribeirão Preto, Araraquara, Franca, São José do Rio Preto e de algumas comarcas de Campinas e São Paulo. A grande maioria dos menores é rejeitada pelas famílias. Estas são muito pobres, totalmente desestruturadas, econômica e,



“Aqui no *Convivium*, os funcionários, a psicóloga e a assistente social nos ajudam a vencer e a crescer, para que sejamos alguém lá fora”.

Luís Henrique dos Santos, 17 anos.

sobretudo, emocionalmente. Assim, seus filhos acabam caindo nas ruas como pedintes, ou envolvidos com drogas, alcoolismo e maus-tratos. Os serviços municipais recolhem e encaminham esses meni-

nos para o Juizado de Menores. Este os dirige para os abrigos provisórios até seu processo correr. Suas famílias são convidadas a refletir sobre a possível volta ao lar. Quando a reaproximação não é possível, a criança passa para um abrigo permanente, como o de Batatais.

Demonstração de confiança

Faz cinco meses que os Missionários Claretianos trabalham com os meninos. Após esse tempo, já podem ser notados alguns efeitos benéficos, resultantes da confiança mútua e da troca de afeto. Cada um dos 128 garotos é assistido pela psicóloga, semanalmente. “Ao se esgotar o tempo das sessões de psicologia, geralmente a grande maioria pede para ficar mais um pouquinho. Porém, alguns, mais inquietos, apenas rondam a sala das sessões, desculpando-se por não terem comparecido. É como se tudo isso fosse um pedido tácito ou inconsciente de acolhida e atenção. Nessas horas, percebemos que estar ali é muito mais que apenas um serviço social ou psicológico, é um contato mais especial”, declara Fernanda Gonçalves, psicóloga do *Convivium*.

Pouco a pouco, esse clima de amizade vai tomando conta daquele ambiente, contagiando e gerando em todos um sentimento





de orgulho e satisfação por fazer parte dessa família. Contou-nos o missionário claretiano Cláudio Scherer da Silva, cmf, diretor do *Convivium Claret* que, “um dia ao cruzar com um grupo de meninos do Colégio São José, escutei um aluno dizer: ‘aquele é um grupo de meninos da Febem’. Ao ouvir aquilo, mais que depressa, um dos garotos virou para trás e, num firme tom de voz, exclamou orgulhoso: ‘não é mais Febem, agora é *Convivium Claret!*’ Ao meu ver, esse fato tem um significado muito importante, pois demonstra o envolvimento dos meninos. Mostra que eles já nos vêem como amigos e não como aqueles que os obrigariam a rezar o dia inteiro. Eles já estão percebendo que queremos algo mais para eles”.

Com a mão na massa

“Segundo dados do Ministério da Educação e Cultura (MEC), no período de 1960 a 1990, o crescimento da escolaridade foi inferior



Alexandro Marcelo pertenceu à antiga instituição da Febem, hoje Convivium Claret. Recebeu uma oportunidade de trabalho de uma pessoa sensível aos problemas dos menores carentes, Sr. Carlos H. C. Aives (detalhe). Trabalha há quase um ano nos Estúdios da TV Educadora de Batatais.

ao esperado, considerando-se o ritmo de aumento da renda *per capita* no período. O Brasil, entre os países vizinhos mais próximos, ocupa um lugar inferior ao Paraguai, Uruguai, Venezuela, Colômbia e Argentina, assemelhando-se apenas ao Peru. Os números fornecidos pelo MEC, relativos a 1994, afirmam que estão na escola menos da metade das crianças na faixa etária de 4 a 6 anos (48%); a maioria (96%), de 7 a 14 anos; e 77%, de 15 a 17 anos. Estes dois últimos números

Crianças do Convivium Claret em uma das atividades que mais os atraiem: futebol.

nos dizem que estão fora da escola quase 3 milhões de crianças e jovens em idade escolar (de 7 a 17 anos)” (cf. Texto-base CF-98).

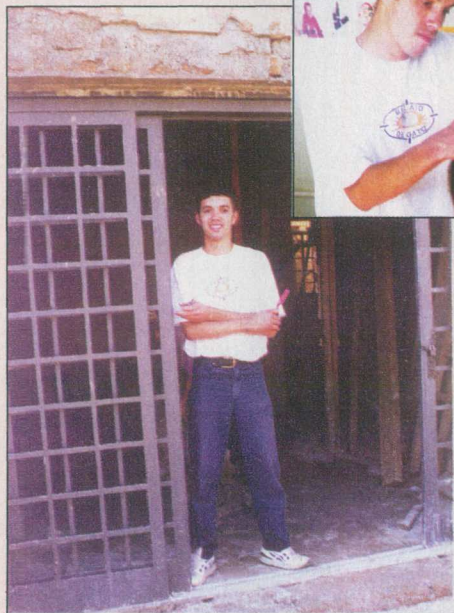
Para fazer frente a essa triste realidade brasileira, entidades, não somente religiosas mas também privadas, precisam sair do anonimato e mostrar que é possível fazer um país melhor, com um futuro mais digno para muitos desses cidadãos de amanhã.

“Educar tem como eixo ajudar a ‘ler’. Ler em sentido amplo: ler os textos dos livros, ler a vida, ler as relações, aspirações e afetos humanos, ler a correlação de forças políticas, ler direitos e deveres em cada situação, ler as implicações do que é veiculado nos Meios de Comunicação Social e, principalmente, ler os ‘sinais dos tempos’, descobrindo neles os apelos de Deus. Todos nós, nesse sentido, es-

tamos sempre nos alfabetizando e somos chamados a colaborar no processo de alfabetização dos irmãos” (Texto-base CF-98, página 65).

Além da assistência social e psicológica, todos os meninos que chegam à casa, mesmo que estejam defasados quanto à escolaridade, são matriculados e recebem de perto acompanhamento pedagógico. As atividades ocupacionais: como criação de porcos, organização de horta, jardinagem e estábulo

“Os funcionários estão mais dispostos a ajudar a gente. Principalmente para conseguir emprego”.
Luciano Faustelino, 17 anos.



José Eduardo de Souza em frente às obras de ampliação de seu salão de cabeleireiro. Pertenceu também à antiga instituição, hoje chamada Convivium Claret. Ele deixa uma mensagem para os meninos que lá estudam: "aproveitem as oportunidades que a instituição oferece, tais como os cursos profissionalizantes e a educação de forma geral".



também fazem parte do dia-a-dia daquelas crianças. Cursos profissionalizantes, tais como: marcenaria, panificação e corte de cabelos podem proporcionar mais que uma saudável e produtiva ocupação, até mesmo o tão sonhado emprego. É o caso do ex-aluno José Eduardo de Souza, cabeleireiro, há oito anos. Aprendeu a profissão na UEP 5, e hoje orgulha-se por

estar comprando a casa vizinha ao seu salão, ampliando assim seus negócios. "Foi uma grande oportunidade na minha vida. Eu espero que aquelas crianças aproveitem tudo o que lhes é oferecido, como educação e pelos cursos profissionalizantes, assim como eu aproveitei", aconselha José Eduardo.

Outro exemplo de empenho e dedicação é o de Alexandre Marcelo, 17 anos, há quase um ano, funcionário da TV Educadora de Batatais. "Como sempre fui da rua, posso dizer: se você quiser, ali pode ser até melhor que em sua própria casa. Você pode ter amigos e os funcionários passam a ser seus familiares. Se não fosse uma instituição como essa, eu não sei onde estaria agora, pois a vida lá fora é, às

vezes, muito ruim", desabafa. Nas várias áreas da rotina da TV, Alexandre atua em quase todas elas, cada dia aprendendo algo novo, preparando-se para ser um profissional cada vez melhor. Nada disso seria possível se não houvesse pessoas despojadas de qualquer precon-

Alex Ferreira, 16 anos, atleta do Convivium, bateu recorde estadual juvenil de salto em distância, durante o último Campeonato Estadual de Atletismo.

OS NÚMEROS DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

- 168,8** milhões é a população total do Brasil, estimada para setembro de 1998.
- 103,3** milhões era a população com mais de 15 anos em 1995.
- 15,6%** dos brasileiros com mais de 15 anos eram analfabetos em 1995.
- 6,8%** dos brasileiros entre 15 e 19 anos eram analfabetos em 1995.
- 39,9** milhões de brasileiros não tinham, em 1996, nenhuma instrução, ou a tinham inferior a um ano de estudo.
- 31,2** milhões de alunos estavam matriculados no Ensino Fundamental em 1994: (88,4%) em escolas públicas, (82,5 %) em áreas urbanas.

- 33,1** milhões de estudantes no ensino fundamental em 1996.
- 6,4** milhões de estudantes matriculados na 1ª série do Ensino Fundamental em 1996.
- 2,3** milhões de matriculados na 8ª série do Ensino Fundamental em 1996.
- 5,7** milhões de brasileiros estavam matriculados no Ensino Médio em 1996.
- 194.487** era o número total de estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio em 1994. 70% deles eram rurais, apesar de estas responderem por apenas 17,5% das matrículas no Ensino Fundamental.

Fonte: Jornal na Educação — ANJ (Associação Nacional de Jornais) — Projeto Ler.



ceito, dispostas a abrir portas e facilitar a vida de um menino com uma história como a sua. Carlos Henrique Cândido Alves, radialista e diretor-geral da TV Educadora, foi quem abriu essa porta. "Valeu a pena, porque ele é um menino muito bom,



Além das atividades ocupacionais como horta, jardinagem e estábulo, os meninos do Convivium Claret aprendem, também, profissões como panificação e marcenaria, monitorados por profissionais capacitados.

mas a se fazer, pois os prédios ficaram sem uma demão de tinta sequer. As terras, que compreendem uma enorme área, não produzem quase nada, nem para o próprio consumo. Estamos, através de empréstimo bancário, tentando obter recursos para tornar essas terras produtivas, objetivando autonomia quanto a alguns itens de alimentação como cereais", declara Cláudio.

Para um mundo mais feliz

reais, o que representa um valor de 400 reais para os gastos mensais com cada menino. Vale lembrar que, antes desta nova diretoria, o valor repassado para a Febem era de 1.500 reais por menino. Hoje, as despesas totais estão orçadas em aproximadamente 85 mil reais por mês. "Essa diferença será assumida pelos Missionários Claretianos, principalmente porque há muitas refor-

Dia 24 de outubro é festa de Santo Antônio Maria Claret, o fundador dos Missionários Claretianos. Em 16 de julho de 1849 o Padre Claret e mais cinco companheiros fundaram a Congregação Claretiana em Vich, Catalunha, Espanha. Em 19 de novembro de 1895, os Claretianos che-

"Os atendimentos são muito bons porque procuram esclarecer nossos problemas. Tenho, ainda, a oportunidade de fazer o curso de computação".
Júlio César da Silva Santos, 17 anos.

com ótima formação. Nós sempre o incentivamos nos estudos e acreditamos que, de fato, chegará a uma universidade", apóia Carlos.

Esforço econômico

Os Lares, como são chamadas as casas, dividem os meninos em seis grupos de aproximadamente 20 integrantes cada, de acordo com a faixa etária, sempre monitorados por um funcionário. A capacidade do Convivium é de 160 meninos. O Estado repassa, por mês, 64 mil

Nesta foto, da esquerda para a direita, Fernanda Gonçalves, Psicóloga; Cláudio Scherer, diretor do Convivium Claret, que se ordenará sacerdote no final deste ano e Cássia Nori Soave, Assistente Social.



garam ao Porto de Santos. Hoje, são 3.000 missionários trabalhando em 56 países. No Brasil, são 140 missionários divididos em duas províncias: Central e Meridional, que atuam em diversas paróquias, colégios, faculdades, missões e meios de comunicações.

“O que vai diferenciar nossa administração da anterior, é o amor por esses meninos e por esta casa, diz Cláudio Scherer. O amor humano, mas também o amor que vem de Deus nos impulsionam. A definição do Missionário Claretiano é: um homem que arde em caridade. O *Convivium* é um centro de vivência da caridade, porque aqui a vivemos as 24 horas do dia. Pensamos num trabalho estrutural para a vida desses meninos. Um dia eles vão sentir que foram muito queridos. Se não encontraram afeto na família ou na sociedade, aqui dentro eles o acham. Isso para eles será sempre um referencial, por maior que tenham sido a carência e a dificuldade anterior. Acho que nós recebemos este *Convivium* como um presente de Deus. Toda a Congregação Claretiana se preocupou, aprovou, está interessada e olha com muito carinho para este novo trabalho. Cada uma dessas crianças é um precioso presente de Deus. Faremos o possível para que eles possam ser felizes e chegar um dia a se realizar plenamente como pessoas e como cidadãos, para também poderem fazer o mundo ser mais feliz”, assegurou Scherer.



Reportagem: Cláudio Gregianin e Eduardo Russo.

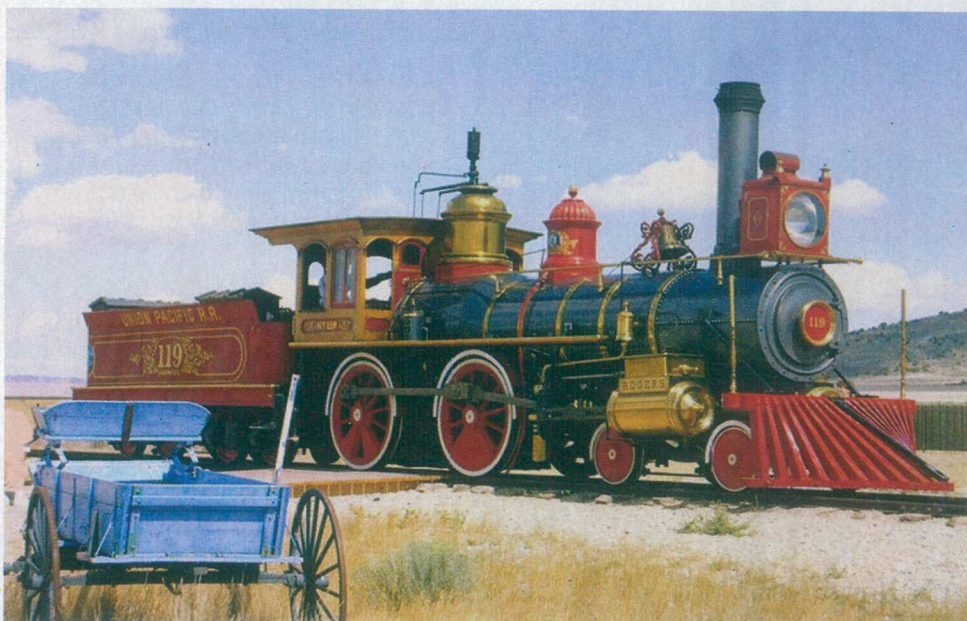
**Convivium Claret: Alto do Cruzeiro, s/n.
Batatais, SP. - CEP 14 300-000
Tel. (016) 761-5599**

Nos bastidores da notícia

José Carlos Salvagni

O repórter que alugou uma locomotiva para dar “um furo” de reportagem.

(Continuação do número anterior.)



O jogo duro das agências de notícias

Você já ouviu alguém falar no presidente “capitalista” Ronald Reagan ou Bill Clinton? Mas talvez se lembre de ter ouvido falar no presidente “marxista” Salvador Allende, do Chile. Era como as agências de notícias internacionais se referiam, nos anos 70, ao presidente chileno, filiado ao Partido Socialista daquele país, morto no golpe de Estado perpetrado contra seu governo, em 1973. As agências estavam inte-

gradadas à campanha montada pelo governo americano e empresas multinacionais para derrubar aquele governo¹.

É uma pequena demonstração de que as agências de notícias usam, com grande intensidade, técnicas de texto de propaganda em seus despachos informativos, compondo imagens positivas dos aliados dos respectivos governos em que estão sediadas, e negativas, dos demais. Uma das técnicas é a de usar estereótipos; outra, a de substituir os termos favoráveis ou desfavoráveis, com uma conotação emocional, no lugar de



termos neutros ².

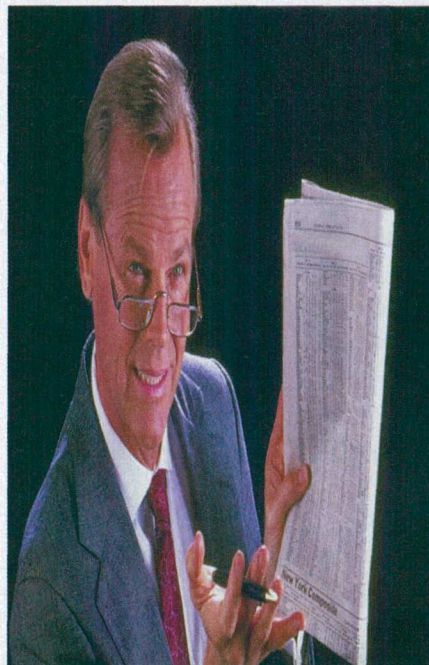
O uso de “etiquetas” adjetivos e definições persuasivas é um dos muitos métodos políticos empregados para estigmatizar adversários dos países-sede das agências noticiosas, de acordo com um estudo de Juan Somavia, diretor do Instituto Latino-americano de Estudos Transnacionais (ILET), da cidade do México ³.


Somavia notou também que, dado o fato de terem um poder de um quase-monopólio sobre os fluxos informativos em razão de seu reduzido número, as agências tratam os políticos progressistas dos países mais pobres como “extremistas” ou “rebeldes”, sem os equivalentes “conservadores” ou “retrógrados” aos que o são. Os negociadores dos países progressistas são “retóricos”; os dos países industrializados, “pragmáticos”.

Essas empresas de notícias — nota o especialista — têm suas estruturas de propriedade e direção totalmente radicadas em seus países de origem, e nos interesses comerciais mundiais pelos quais zelam. São também vinculadas de alguma forma a seus próprios governos. Devido à sua origem e estrutura, utilizam critérios de seleção de notícias que não refletem os interesses nem a realidade social concreta dos países mais pobres. Funcionam como sinais de alerta em relação a fatos, tendências ou projetos que interessem ou contrariem o sistema transnacional de poder político e econômico.

Na seleção de notícias, as agências realçam as informações que tendem a demonstrar que o sistema transnacional de poder político e econômico, constituído a

partir do final da Segunda Guerra Mundial por um reduzido número de países, “funciona” adequadamente e minimizam ou qualificam negativamente as demais. As agências adotam vários critérios para distorcer fatos: superdimensionam uns, “geram” outros, juntando fatos isolados como se configurassem uma realidade concreta; ressaltam aspectos negativos de acontecimentos, em países mais pobres, ou minimizam seus sucessos, como se estendem longamente nas vantagens dos instrumentos das empresas transnacionais. Determinados fatos que têm uma dimensão específica são apresentados de maneira a criar temores ou inquietudes infundadas, com o propósito de condicionar a futura atuação de pessoas, empresas, grupos sociais ou governos. Também silenciam situações que deixaram de interessar aos países de origem das agências, como o Vietnã depois da derrota americana.



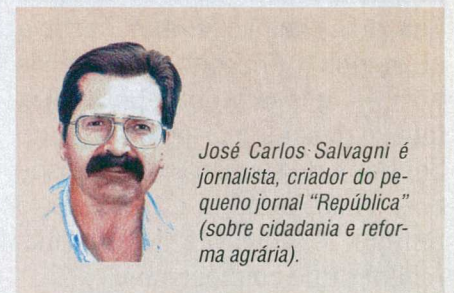
As agências de notícias, entende Somavia, integram o sistema transnacional junto a outros tipos de veículos ou produtos de comunicações, como as empresas de publicidade e bancos de dados, programas de rádio e televisão, filmes, fotos, entre outros componentes. Uns reforçam os outros e estimulam, no conjunto, a adoção de padrões de consumo dos países ricos (só possível nos países mais pobres com alta concentração de renda). Assim, eliminam a capacidade de reação diante da mensagem, transformando a pessoa que recebe as informações num elemento passivo, sem capacidade de juízo crítico. 

Bibliografia

⁴ Somavia, Juan. A Estrutura Transnacional de Poder e a Informação Internacional, in Werthein, Jorge (org.), Meios de Comunicação: Realidade e Mito, pp. 129-146, Companhia Editora Nacional, col. Biblioteca Universitária, Ciências Sociais, vol. 35, São Paulo, 1979.

⁵ Brown, J A C. Técnicas de Persuasão, pp. 27-37, Zahar Editores, 2ª Edição, Rio de Janeiro (RJ), 1971.

⁶ Somavia, Juan. Op. cit.



José Carlos Salvagni é jornalista, criador do pequeno jornal “República” (sobre cidadania e reforma agrária).

Com Maria, na estrada de Jesus

Isidoro de Nadai

Em nossa caminhada, rumo aos 2.000 anos do nascimento de Jesus, a Igreja nos ensina a viver nossa fé, na esperança, dentro, porém, dos marcos da realidade humana.

Não nos quer deslumbrados como Pedro no Tabor, a montarmos castelos acima das nuvens. Pede que, como o Filho de Deus, estabeleçamos nossa tenda no meio dos homens.

Ele se despojou de sua glória para estar conosco, para ser um de nós.

Não deveremos ser nós a abandonar o mundo, onde Deus veio morar, sob pena de não o encontrarmos nunca.

É nas tarefas cotidianas, no seio da família, da comunidade, da sociedade, que construiremos, ou deixaremos de construir o Reino, pois, "o reino de Deus está no meio de nós", ensina Jesus.

Assim fez Maria: de sandálias, ou pés descalços, ela foi pelas montanhas levar a Isabel e a João Batista o Senhor que acabara de conceber. É assim que ela continua a trazer-nos Jesus. É assim que ela nos quer levando Jesus aos irmãos. Sua alma exalta o Senhor, desde o chão dos humildes e desde os marcos de sua própria pequenez, que se deixa tomar pelo poder do Senhor e do seu Espírito. E desde esse chão humilde e pequeno, o Senhor fez, através dela as maravilhas que conhecemos.



Exilado na Babilônia, o povo de Israel respondia aos carcereiros que lhe pediam cantasse os belos cânticos de sua terra: "Como poderemos cantar os cânticos de Sião numa terra estranha?" Não há dúvida de que a esperança precisa ser mais forte do que nossas misérias, pessoais, familiares, nacionais e internacionais. Sabemos que, apesar dos pesares, cantar é preciso. Experimentamos que Nossa Senhora da Glória é um clarão que "ilumina a mina escura

de nossa vida". É certo que o clarão de sua Assunção se reflete nas lágrimas de nossos olhos, transformando-as em arco-íris. Os pequenos e humildes nos demonstram a cada passo que a esperança é inquebrantável; que é a própria força do Espírito dando sentido ao que parece não ter. Eu, pessoalmente, sinto que posso repetir, com a mesma convicção de outros tempos, o que versejei em um de nossos passados Natais:

*De esperanças feitos
eram meus Natais.*

*De esperanças grandes;
fundamentais.*

*De frustrações
eles se fazem agora,
mas eu, teimoso,*

espero mais que outrora!

Mas sei também que não temos o direito de proclamar a esperança eterna, se não fizermos o possível para que ela se concretize já agora na utopia do Reino em nosso coração e nossos gestos, em nossa família, na comunidade e na sociedade. Nossa Senhora da Glória, Mãe da Esperança, ajuda-nos a construir o reino de Deus em nós e no mundo, de modo que a esperança se sinta em casa e possa cantar com entusiasmo seus belos cânticos, na peregrinação da vida e na romaria em direção aos 2.000 anos de Jesus!



Isidoro De Nadai é Missionário Claretiano



A Igreja na Idade Média

(Continuação)

Ronaldo Mazula

O apogeu do poder eclesial (as reformas monásticas e eclesiásticas).

Na edição passada, vimos que, a partir dos papas da segunda metade do século XI, a Igreja foi se fortalecendo e superando seus principais problemas: investidura leiga, simonia, nicolaísmo e reformas eclesiais e monásticas. Ela se direcionou para uma forte estruturação e domínio temporal da sociedade, fundamentados no sistema de Cristandade. Vimos, também, os principais aspectos na relação da Igreja com os poderes político e temporal do período.

Neste número enfocaremos a vida interna da Igreja Medieval, de modo especial, a atividade das ordens monásticas, o apogeu do Papado com Inocêncio III e seu enfraquecimento até Bonifácio VIII.

As reformas monásticas

Na segunda fase da Idade Antiga da Igreja, surgem várias Ordens Religiosas na Igreja a partir do Oriente; e, depois, se expandem muito para o Ocidente cristão. Na Idade Média, várias destas Ordens desaparecem. Outras, especialmente a Ordem Beneditina, desenvolvem-se muito trazendo uma grande contribuição para a Igreja e ajudando no fortalecimento do sistema de Cristandade. A Ordem Beneditina terá um grande destaque em todo este processo.



A partir do século VIII, com o apoio dos imperadores nos projetos de reforma, a regra beneditina será imposta a todo o Ocidente.

lecimento do sistema de Cristandade. A Ordem Beneditina terá um grande destaque em todo este processo.

No ano 429, Bento de Núrsia funda, na Itália, o mosteiro de Monte Cassino. Acontecerá uma grande expansão de mosteiros e a regra beneditina, muito precisa e fundamentada no *ora et labora* (oração e trabalho) foi, aos poucos, impondo-se sobre as outras regras do Ocidente. A partir do século VIII, com o apoio dos imperadores

em seus projetos de reforma eclesial, ela será imposta a todo o Ocidente.

É claro que em muitos momentos os próprios mosteiros precisaram ser reformados, pois com seu crescimento e expansão, tornaram-se fontes de riquezas e passaram a ter um poder, tanto eclesial como político, muito grande. Além do mais, era grande a intromissão dos nobres e, nesta situação, decairá muito a vida dos monges, o que provocará uma necessária reforma. Assim, destacam-se as reformas de Bento de Aniane, no início do século IX, e a reforma Lorenense, no século X. Porém, a maior reforma monástica, foi a de Cluny, na França. Iniciada por um nobre, Guilherme, o Pio, de Aquitânia e São Berno, um grande reformador, expandindo-se pela França, Itália, Espanha, Inglaterra, Portugal, Alemanha, etc. No seu apogeu, serão mais de 1.500 mosteiros dependentes.

Nesse mesmo período, novas ordens surgem: Abadia de Grottaferrata de São Nilo, Camaldolenses de São Romualdo, Valombrosa de São João Gualberto, Congregação da Cava, etc. Devem-se mencionar também, as reformas do clero secular, a partir do século XI, que iniciam, em muitas regiões, um tipo de 'vida comum' ou 'vida canônica'. Com a 'Reforma Gregoriana' (1073-1085) teremos o fortalecimento da autoridade papal e a tentativa de se acabar com a

intromissão leiga dos nobres e príncipes nos assuntos da Igreja.

Contemporaneamente ao apogeu da Igreja, surgem vários movimentos contra seu poder temporal. Passam a pregar uma Igreja mais evangélica, pobre, austera, atenta aos mais humildes e desligada de toda a espécie de poder e domínio deste mundo. Assunto para os próximos números.

Apogeu do Papado com Inocêncio III

Todas as reformas terão seu auge nos séculos XII e XIII, quando o Papado se torna a maior força política do Ocidente. Após a morte do Papa Gregório VII, em 1085, teremos uma fase de muita instabilidade: os imperadores alemães e, depois os franceses, querem dominar a Igreja, os papas e os territórios pontifícios; a nobreza romana quer a cidade de Roma livre de toda a interferência dos imperadores alemães e luta contra a presença deles na cidade, isto é, os romanos não querem que o papa seja o 'senhor da cidade'; os papas tentam conquistar seu espaço, defendendo os territórios pontifícios e se impondo em Roma.

Inocêncio III (1198-1216), um dos maiores papas de toda a história da Igreja, restituiu ao papado o poder absoluto sobre o Estado Pontifício; retomou os 'direitos feudais' sobre o sul da Itália; promoveu a reforma da corte pontifícia; lutou contra vários movimentos heréticos que estavam aflorando na Igreja; apoiou vários movimentos de reforma nas ordens religiosas e a fundação dos franciscanos e dominicanos.

Durante seu pontificado, influ-

enciou e controlou a vida política ocidental na Alemanha, França, Inglaterra, Espanha, Portugal, Boêmia, Hungria, Dinamarca, Islândia, Bulgária, Armênia e, inclusive, em Constantinopla, quando os cruzados tomaram a cidade,



INOCÊNCIO III

Inocêncio III, um dos maiores papas da história da Igreja. O seu pontificado foi uma obra de fortalecimento do poder eclesial. Culminou com o IV Concílio de Latrão.

instaurando ali um império latino.

O seu pontificado foi uma grande obra de fortalecimento do poder eclesial. "O ponto culminante dessa obra foi o IV Concílio de Latrão, em 1215, que promulgou pela primeira vez a doutrina da transubstanciação. A saber, no ato da consagração, o pão e o vinho da comunhão se transformam subs-

tancialmente no corpo e sangue de Cristo. Além disso, foram condenados os valdenses, os albigenses e as doutrinas de Joaquim de Fiore. Foi decretada a inquisição episcopal, que ordenava a cada bispo investigar as heresias de sua diocese e extirpá-las. Foi proibido fundar ordens religiosas com novas regras monásticas. Ordenou-se que fossem criadas escolas nas catedrais para a educação dos pobres. Foi proibido que os clérigos participassem de teatro, de jogos, de caça e de outros passatempos semelhantes. Foi requerida a confissão de pecados por parte de todos os fiéis, pelo menos uma vez por ano. Foi proibida a introdução de novas relíquias sem aprovação papal. Ficou estabelecido que os judeus e muçulmanos deveriam usar roupas especiais, para se distinguirem dos cristãos. Os sacerdotes ficaram impedidos de cobrar pela administração dos sacramentos. E muitas outras medidas semelhantes foram tomadas.

Se levarmos em conta que o concílio fez tudo isso em três sessões de um dia cada, fica claro que quem tomou essas medidas não foi a assembleia, mas Inocêncio, que utilizou o concílio para referendar as medidas que ele decidira fazer. Por tudo isso, não resta dúvida de que com Inocêncio III o ideal de uma cristandade unida sob um só pastor aproximou-se da sua realização. Não nos surpreende, então, se esse papa chegou a dizer (e muito dos seus contemporâneos creram), que o papa "está entre Deus e o ser humano; abaixo do primeiro e acima do segundo. Menos que Deus, e mais que o homem. Julga a todos, mas ninguém o julga." (cf.



Gonzalez, J. L., *Uma História Ilustrada do Cristianismo*, Vol. 4, Vida Nova, SP, 1978, pp. 184-185).

O pontificado de Inocêncio III marca, na Igreja, o período da supremacia do poder espiritual sobre o temporal. Essa fase é confirmada no seguinte discurso: “assim como Deus, o Criador do universo, estabeleceu dois grandes luminares no firmamento, o maior para presidir o dia e o menor para presidir sobre a noite; assim ele também estabeleceu dois luminares no firmamento da Igreja universal... O maior para que presida sobre as almas, como dias, e o menor para que presida sobre os corpos, como noites. Estes são a autoridade pontifícia e o poder real. Por outro lado, assim como a lua recebe a luz do sol... assim o poder real recebe da autoridade pontifícia o brilho da sua dignidade”.

Os sucessores de Inocêncio III continuam a sua obra, tanto na relação política com os imperadores como nos assuntos eclesiásticos. As relações da Igreja com a monarquia alemã vai se enfraquecendo e, simultaneamente, fortalece-se a aliança da mesma com a monarquia francesa, de modo especial com o rei São Luís IX (1226-1270). O sinal do estreitamento da relação e dependência da Igreja com a França se dará com a convocação do Concílio Ecuemênico de Lyon, em 1274, para fortalecer a reforma eclesiástica, buscar ajuda para a Terra Santa e se tentar a união com a Igreja Grega. Com o Papa Bonifácio VIII (1294-1303), inicia-se a fase de decadência do poder temporal dos papas em função do enfraquecimento da Igreja. As nações européias agora buscam o fortalecimento da autonomia. Estão

mais preocupadas com os seus assuntos internos, com o fortalecimento das novas classes burguesas em detrimento da nobreza feudal, com o surgimento do humanismo e da sociedade e cultura modernas. Bonifácio VIII

**Infelizmente,
a atitude de
fechamento da Igreja
vai durar até o século
XX, provocando
muitos problemas
tanto para ela como na
relação com a
sociedade.**



BONIFÁCIO VIII

não consegue dialogar com as novas realidades que surgem e nem com o poder político estabelecido e acaba ficando sozinho.

A Idade Moderna começa e a Igreja permanece à parte, tenta manter as estruturas medievais, antiquadas para a nova realidade emergente. Infelizmente, a atitude de fechamento da Igreja vai durar

até o século XX, provocando muitos problemas tanto para ela como na relação com a sociedade. O fruto desse fechamento será a insegurança, o reforço das decisões e atitudes intransigentes e, conseqüentemente, a perda da capacidade de diálogo, de compreensão, de discernimento e de abertura para o novo.

Hoje, quando já se fala de pós-modernidade, ou seja, da superação das estruturas modernas, a Igreja ainda não se libertou de muitas estruturas medievais. Além do mais, não conseguiu dialogar integralmente com a modernidade e vai ficando para trás no término deste 2º milênio, pós-moderno. Este, vai se impondo em todos os setores da vida, inclusive nas vidas religiosa e espiritual da humanidade.

Sabemos que nesta situação o diálogo aberto, franco e respeitoso é uma exigência categórica. A Igreja não pode se fechar e ser intransigente em nome das falsas seguranças deste mundo, de modelos pastorais antiquados, da salvaguarda dos costumes e da defesa de suas estruturas. Por outro lado, não pode se banalizar ou se tornar vulgar aceitando tudo o que é novo. Que haja, em nossa Igreja, equilíbrio e bom senso para apoiar o que é bom e certo e coragem profética para denunciar o que não está de acordo com o reino de Deus.



Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário claretiano e professor de História da Igreja.

São Lucas Evangelista

O século I de nossa era marca o início de uma nova etapa na história da humanidade. Jesus Cristo, o Deus da vida, da bondade, da justiça, fez-se homem, encarnase na humanidade tornando-a mais próxima do projeto da criação divina, um projeto de amor. Jesus Cristo, ao anunciar e testemunhar o reino de Deus como o grande projeto de sua vida, transmitiu a todos o ideal de se viver na comunhão com Deus. Mas, durante o cumprimento de sua missão no mundo, Ele quis continuar a sua obra com a participação de todos aqueles e aquelas que, com boa vontade, acolheram a sua palavra e se dispuseram a anunciá-la e testemunhá-la em toda parte. Assim,

Ele chamou discípulos e discípulas dando a eles os dons do seu Espírito para que fizessem o mesmo que Ele fez. Muitos deles são conhecidos e, hoje, recordemos São Lucas, “padroeiro dos médicos” e o “evangelista da misericórdia”. Ele é de origem grega, não fez parte do colégio apostólico e não foi uma testemunha ocular da vida e obra de Jesus. Foi companheiro do apóstolo São Paulo em suas viagens missionárias, como nos relata o próprio Paulo (cf. Cl 4,14; Fm 24; 2Tm 4,11).

Sua grande obra foi o trabalho de escrever um dos evangelhos sobre a vida e obra de Jesus Cristo, provavelmente baseado nos textos de Marcos e Mateus, por volta do



Antônio Maria Claret,

O século XIX não foi nada fácil na história da Igreja. Nele, nasceu um dos seus maiores missionários. As teorias iluministas e liberais da Revolução Francesa geraram, em vários países da Europa e latino-americanos, revoluções e guerras civis com objetivos econômicos e políticos voltados para a emancipação das classes burguesas e liberais. Em função das guerras, a Espanha e outros países foram assolados por grande pobreza material e aridez espiritual. A Igreja insistia em manter muitas estruturas do passado e não conseguia manter um diálogo aberto com as novas correntes culturais e políticas. O clero está abandonado e o povo, carente de pastores e de líderes políticos que realmente

implantem na sociedade a igualdade, fraternidade e liberdade. Nesse contexto, surge um ‘apaixonado pelo Evangelho e pela Igreja’, Antônio Maria Claret, que é “um personagem tão rico, que não cabe em nenhuma biografia... Foi missionário popular, grande pastor, orientador de consciências, escritor e catequista organizador” (cf. ARNS, Cardeal, *Santos e Heróis do Povo*, EP, SP, 1985, p. 405).

Antônio nasceu na Catalunha, Espanha, filho de uma família cristã. Seu pai era um modesto tecelão. No tear, o pequeno Antônio demonstrava extraordinárias aptidões para prosseguir na profissão do pai. Apesar de um futuro que poderia ser notabilíssimo, ele renuncia a tudo para

seguir o Senhor, dedicando-se especialmente às missões. Tenta entrar na *Propaganda Fidei*, na Companhia de Jesus, mas acaba retornando à sua diocese, depois de não conseguir realizar tais projetos. Coloca-se a serviço dos bispos e passa a pregar a palavra de Deus em várias regiões. Escreve várias obras em que procura sempre fazer com que a mensagem de Jesus seja conhecida a todos.

Vendo que não poderia realizar seus sonhos sozinho, com cinco companheiros funda a Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria ou Missionários Claretianos, em 1849. No Brasil, a Congregação chega em 1895. Claret trabalhará ainda, em Cuba, na corte espanhola e pro-



18 de outubro

ano 80. Lendo o *Evangelho de Lucas* percebe-se que a atenção de Jesus se volta especialmente para os pobres, os mais humildes da sociedade, os pecadores e as mulheres.

Ao apresentar a vida e o ministério de Jesus, ele faz um relato da sua infância e aprofunda-se nesse ministério, desenvolvendo-o em três grandes cenários: a Galiléia, onde ele viveu antes de sua vida pública; suas obras a caminho de Jerusalém, e nessa mesma cidade, onde será condenado, morto e ressuscitará. Além do Evangelho, Lucas escreveu o livro dos *Atos dos Apóstolos*, uma narrativa histórica dos primeiros acontecimentos da vida da Igreja primitiva, das obras de

São Pedro, de alguns dos apóstolos como a do grande São Paulo.

Na atualidade, percebe-se que cada vez mais a sociedade vai se questionando a respeito dos valores terrenos, inconsistentes em sua essência, como o dinheiro, o poder, a dominação e a corrupção. Valores estes que prejudicam a dignidade humana e enfraquecem as relações entre as pessoas. Neste contexto, São Lucas, para nós é modelo de:

- homem que abandona todas as seguranças deste mundo para estar a serviço de Jesus e da Igreja;
- homem que se deixou possuir pela boa-nova de Jesus e converte-se profundamente,

dá um novo rumo à sua vida;

- homem que compreende o valor passageiro das coisas terrenas e busca o verdadeiro valor, que é o Cristo Salvador;

- homem que, convencido pela palavra do Senhor, põe-se a anunciá-la a todo o mundo e a testemunhá-la com a sua própria vida;

- homem que busca o diálogo com as culturas diferentes e tenta fazer com que elas assimilem o conteúdo evangélico;

- escritor bíblico atento e solidário às necessidades dos mais humildes e pobres;

- pregador do amor misericordioso de Jesus, que a todos quer salvar.



missionário (1807-1870) 24 de outubro



curará sempre, por todos os meios possíveis, desenvolver a atividade missionária, esteja onde estiver.

Como ocorre com todos os que pregam o Evangelho, as perseguições contra Claret e sua obra não serão poucas, sofrendo vários atentados. Morreu exilado na França, num mosteiro cisterciense. Imitando o grande Papa Gregório VII, na lápide de seu túmulo, encontra-se a seguinte frase: “Amei a justiça, odiei a iniquidade, por isso morro no exílio.”

Nos dias atuais, vêem-se tantos erros e falsas ideologias aflorando na sociedade; a Igreja muitas vezes não consegue comunicar a sua mensagem; poderes públicos e econômicos se corrompem gerando morte, violência, margina-

lização e discriminação. Claret é modelo de:

- ruptura com possíveis benefícios e recompensas materiais;

- dedicação total e íntegra ao projeto de Deus, na sua Igreja;

- fortaleza nas perseguições e firmeza na busca e testemunho da verdade;

- criatividade pastoral;

- atenção e sensibilidade ao mais urgente, oportuno e eficaz;

- escritor que procura anunciar por meio da boa imprensa os conteúdos da fé;

- piedade e devoção mariana.



Ronaldo Mazula é sacerdote, missionário claretiano e professor de História da Igreja.

Uma solução para desentendimentos: a paz comunicativa

Francisco Gomes Matos

Desentendimento e discórdia

Desentender-se, ou ser incapaz de se compreender mutuamente, é uma das experiências comunica-

tivas desagradáveis em nossa vida. Esse tipo de conflito interpessoal vem sendo objeto de estudo por especialistas em muitos campos do saber, dentre os quais a Psicologia, a Psicoterapia, a Sociologia, a Pedagogia, a Comunicação Inter-

cultural, a Lingüística, a Análise do Discurso e a Educação para a Paz.

Para o Cristianismo, o conflito comunicativo constitui uma violação ao segundo maior mandamento, centrado no amor ao próximo. Quantas passagens bíblicas

LISTA PARA INTERAÇÃO HUMANIZADORA

PPP	Pense primeiro em seu próximo.	Seja empático(a), pondo-se no lugar da pessoa que compartilha da ação comunicativa.
CCC	Crie um clima construtivo.	Ponha o(a) interlocutor(a) à vontade e faça também sua parte. Sorria e demonstre alegria em ali estar.
DDD	Dialogue para desenvolver sua dignidade.	Lembre-se de que cada pessoa é — deveria ser! — educada para ser digna e tratar os outros seres humanos da mesma forma.
HHH	Humanize a interação, sendo honesto(ã) e honrado(a).	Apesar da imperfeição humana, desafie-se para ser virtuoso(a).
AAA	Acolha apartes à sua argumentação.	Seja humilde e passe a palavra — num debate, por exemplo — para que suas idéias possam ser avaliadas e, se preciso, reformuladas.
VVV	Vivifique e versatilize seu vocabulário.	Dê vida ao que você pretende dizer, optando por palavras e expressões construtivas que revelem sua sensibilidade como pessoa e como usuário(a) de Português.
FFF	Formule suas idéias com firmeza fraterna.	Demonstre estar seguro quanto a suas crenças e seus valores, mas respeite a cosmovisão do(a) interlocutor(a).
EEE	Exprima seus sentimentos economizando enfatizadores.	Ao ser comunicativamente vigoroso(a), use poucas palavras e locuções enfatizadoras. Não é preciso abusar de advérbios como “absolutamente”, “completamente”, “totalmente”, “demais”, etc., para convencer outra pessoa.
SSS	Sirva-se da sabedoria do Senhor.	Antes de um debate, busque inspiração na palavra divina. Use a Bíblia para preparar-se espiritual e comunicativamente. Quantas diretrizes ali podem ser encontradas sobre a comunicação verdadeiramente cristã! Aliás, o primeiro mandamento é a diretriz geradora das demais.
PPP	Promova paz comunicativa com seu próximo	Produza um Português polido, motivando, assim, o(a) parceiro(a) comunicativo(a) a também recorrer à polidez, à harmonia, à intercompreensão e à harmonia.



podemos encontrar sobre a discórdia, resultante de nossa falibilidade comunicativa humana! Assim, na Epístola de São Tiago (cf. 3, 5-6), somos aconselhados a “refrear a língua”, porque, do mesmo modo que “uma pequena chama basta para incendiar todo um bosque, também a língua é um fogo”. Em sua exortação sábia, aquele santo chega a afirmar que nenhuma pessoa é capaz de domar a língua (cf. 3, 8), mas do ponto de vista de nossa Pedagogia da Positividade — do comunicar bem, fazendo-o para o bem — sustentamos que, até certo ponto, é possível aprender a monitorar nossas

relações interpessoais e intergrupais. Formularemos algumas diretrizes que possam ajudar os leitores na busca de solução cristã para os desentendimentos e outros tipos de conflitos comunicativos ocorridos no dia-a-dia, em casa, no trabalho, na escola e noutros contextos socioculturais. A enumeração não reflete importância, podendo seus itens ser redistribuídos, conforme as percepções e preferências dos leitores. Para dar um cunho didático, antes de cada diretriz, oferecemos um recurso mnemônico aos leitores, para ajudar a reter a informação. Assim, uma mesma letra repetida três vezes auxiliará a evocar o texto correspondente. Observe-se que a lista é iniciada e concluída com PPP. Cada diretriz é seguida de breve comentário elucidativo (ver tabela ao lado).

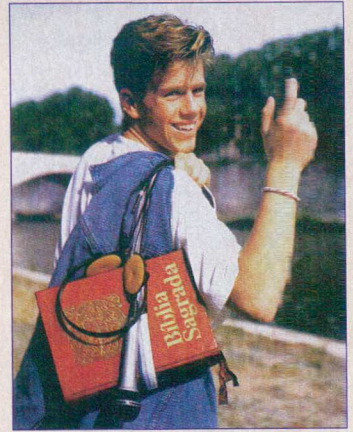
De diretrizes ao uso positivo da língua portuguesa

As diretrizes apresentadas constituem apenas uma lista inicial. Cabe a você, leitor(a), continuá-la, complementá-la e aperfeiçoá-la, pondo-a em prática através de sua convivência comunicativa. Que este ensaio contribua para a diminuição de desentendimentos e à formação comunicativa cristã das novas gerações.



Francisco Cardoso Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, na área de Direitos Lingüísticos, da Universidade Federal de Pernambuco.

modo de conversar com outras pessoas. À luz desse enfoque construtivo, que busca dignificar as



Senhor, que queres que eu faça?

Nós, paulinos, acreditamos na evangelização com os meios de comunicação.

Jovem, se você deseja conhecer melhor a vida e a missão dos Paulinos, escreva para:

Centro vocacional paulino

Caixa postal 173
95001-970 Caxias do Sul, RS
Tel.: (054) 229.4555

Rua das Camélias, 640
Chácara Primavera
13087-650 Campinas - SP
Tel.: (0192) 55.6043

Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo - SP
Tel.: (011) 810.3742

Definindo os rumos da sociedade

Wimer Botura Jr.

Nos tempos primitivos, a mulher era considerada a única responsável pela procriação, e a descoberta da participação masculina neste acontecimento resultou na constituição da família.

A relação sexual adquiriu o caráter de exclusividade e afeto, e o homem passou a dar mais importância aos filhos pela própria noção de preservação da espécie.

A monogamia surgiu como consequência desse processo, ou seja, como um meio de se dominar a paternidade. Mas, no decorrer do tempo, mostrou-se insuficiente. Afinal, poderia nascer uma criança com traços totalmente diferentes dos esperados pelos pais. Visando eliminar a possibilidade de um outro homem assumir a paternidade, a virgindade começou a ser exigida da mulher.

Ao mesmo tempo, o homem precisou relacionar-se com a mulher mais precocemente, forçando-a inclusive a ter filhos, independentemente da vontade dela.

Se, por um lado, essas atitudes fortaleciam a vigilância da mulher, pelo homem; por outro, não bastavam para garantir a paternidade. Era necessário controlar todos os machos disponíveis ao redor. Por isso o conceito de família precisou ser ampliado e acrescido de parentes. Surgiram os avós, tios, primos, e, junto, o



incesto, com sua devida proibição

Seguindo este raciocínio podemos deduzir que o abrigo e a casa foram uma conquista natural e necessária à idéia de proteção da mulher e dos filhos. O homem preocupou-se em fixar-se para estar mais perto da família e, ao mesmo tempo, controlar melhor sua paternidade.

O homem vivia com sua família, mas tinha medo de que alguém se aproximasse e roubasse seus filhos, seu afeto, seu espaço e seus bens. Na sua ausência, durante os longos períodos de caça, um outro homem poderia aproximar-se de sua mulher, mostrando-se mais

forte, mais interessante e melhor protetor. Naquele tempo, os riscos de perder a família eram grandes, portanto, deveriam ser eliminados.

Para reforçar a segurança em torno de sua família, o homem fixou a mulher em um determinado espaço, passou a fazer suas caçadas em locais mais próximos e, assim, foi reduzindo o perigo.

Mas nem sempre o resultado dessas caçadas era satisfatório, porque os animais muitas vezes estavam bem mais longe. Foi preciso criar novas alternativas para garantir a sobrevivência da família e desenvolver uma certa tecnologia que trouxesse a árvore frutífera e a caça para mais perto da casa. Asseguraram-se o espaço, a proximidade e a sobrevivência, de modo que ninguém pudesse tomar a mulher e os filhos.

Assim, a sociedade foi-se organizando, através do controle da paternidade, da família, da propriedade e da criação de meios que facilitassem esse tipo de vida.

Desde os tempos mais remotos, o homem desperta a curiosidade do outro, quando produz algo bem-feito.

Ora, o outro queria ver de perto as novidades que o nosso parente primitivo criou. Queria arrancar aquela árvore e se apossar daquela casa, mesmo porque não existia o conceito de propriedade, tudo era livre. O outro começou a repre-

(continua na página 33)>>>



RECEITA COM MAIS CALORIAS

Entrada *Salada russa*

Ingredientes:

4 ovos
2 cenouras
3 batatas
200 g de ervilhas frescas ou
1 lata em conserva
1 maço de salsinha
1/2 limão
Maionese e sal a gosto.

Modo de preparar

1. Leve ao fogo uma panela

com água fria e 4 ovos. Quando começar a ferver, conte 10 minutos. Em seguida, ponha-os na água fria e descasque-os.

2. Raspe as cenouras, descasque as batatas e debulhe as ervilhas. Cozinhe as batatas, cenouras e ervilhas em água levemente salgada e escorra-as. Não deixar cozinhar demais, corte cenouras e batatas em cubinhos.
3. Misture a maionese com o caldo de limão, coloque os legumes e veja o sal. Coloque o maço de salsinha em mais um pouco de maionese e cubra a salada. Enfeite o prato com os ovos cozidos, em rodelas e folhinhas de salsinha.



Prato principal *Carne recheada*

Ingredientes

2 quilos de coxão duro
Pedacos de presunto
Azeitonas
Toucinho defumado
Sal e alho socados
Suco de 1 ou 2 limões
Manteiga ou margarina
Cebola e batatas
3 tomates
Gordura vegetal.

Modo de preparar

1. Fure bem a carne com uma faca e recheie com o presunto, azeitonas e toucinho.
2. Esfregue toda a carne com o sal e o alho socados e o suco de limão.
3. Deixe descansar nessa vinha-d'alhos algumas horas, ou da noite para o dia seguinte.
4. Refogue em gordura vegetal, deixando corar de todos os lados.
5. Junte a vinha-d'alhos e um pouco de água fervendo, deixe cozinhar em fogo brando até amolecer bem.
6. Quando o molho engrossar, adicione a cebola cortada e os tomates sem pele e semente. Sirva com batatas cozidas passadas na manteiga ou margarina.

Sobremesa *Torta de abacaxi*



Ingredientes

4 ovos (claras em neve)
2 xícaras de açúcar
2 xícaras de farinha de trigo
1 colher/sopa de fermento Royal
1 xícara de leite fervendo.

Modo de preparar

1. Bata as claras em neve, junte as gemas, continuando a bater e acrescente o açúcar. Por último, a farinha de trigo e o fermento apenas misturando.
2. Ponha então o leite fervendo e coloque em fôrma forrada com papel impermeável e untada. Leve ao forno para assar.
3. Depois de assado, coloque em um pirex retangular o bolo pronto. Coloque por cima abacaxi cortado em pedacinhos, e por cima o seguinte creme: 1 lata de leite condensado/ 2 latas de leite de vaca/ 3 gemas/ 1 colher/sopa de maizena. Levar ao fogo, deixando engrossar bem.
4. Sobre o creme coloque creme de chantilly, feito com as claras em neve, o creme de leite e 5 colheres de açúcar. Cobrir com coco ralado. Levar à geladeira.

RECEITA COM MENOS CALORIAS

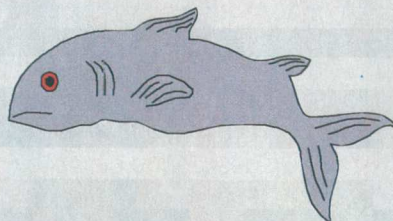
Entrada *Bolo de Peixe*

Ingredientes

800 g de pescada
1 maço de cheiro verde
1 limão
Sal e pimenta-do-reino a gosto
1 lata de atum
1 xícara/chá de migalhas de pão
1 colher/sopa de páprica
4 ovos
Salsinha e cebolinha verdes picadas

Modo de preparar

1. Coloque os filés de peixe em uma panela. Cubra com água, junte o maço de



cheiro verde amarrado, o limão descascado e cortado em rodelas, sal e pimenta-do-reino a gosto. Deixe levantar fervura e cozinhe por 5 minutos.

2. Escorra os filés e retire alguma espinha. Passe os filés de peixe e o atum (com óleo) pelo multi-processador ou máquina de moer, juntamente com o pão, até obter um creme liso.
3. Junte a páprica e tempere a gosto com sal. Bata os ovos com salsinha e cebolinha verdes. Junte à mistura anterior.
4. Unte uma forma redonda de 20 cm de diâmetro.
5. Encha-a com a mistura de peixe e asse em banho-maria por 30 minutos, ou até que, enfiando uma faca, esta saia limpa. Retire do forno e deixe esfriar. Depois de fria, leve à geladeira.
5. Sirva com maionese light misturada com extrato de tomate ou um molho vinagrete.

Prato principal *Pasta quatro queijos*

Ingredientes

50 g de espaguete
20 g de ricota
10 g de requeijão
10 g de queijo roquefort
20 g de queijo-de-minas
1 pitada de sal
1 colher/sopa de salsinha.

Modo de preparar

2. Cozinhe a massa em

água e sal até ficar "al dente".

3. Derreta os queijos em banho-maria, jogue-os sobre o macarrão quente, salpique com salsinha e sirva.



Sobremesa *Creme de ricota com kiwi*

Ingredientes

1 xícara/chá de ricota
2 kiwis em rodelas
Suco de 1/2 laranja
2 colheres/sopa de açúcar.

Modo de preparar

1. Bata a ricota com 1 colher de açúcar e o suco de laranja.
2. Cozinhe os kiwis em 1 xícara/chá de água e 1 colher de açúcar.
3. Arrume o doce em um pirex e leve à geladeira.



Convite de Deus



Festa de Todos os Santos
1º de novembro de 1998

INTRODUÇÃO

Esta solenidade não é só para celebrar os santos da Igreja ou aqueles que ela teria podido canonizar e ainda não o fez. Comemoramos, hoje, aquela multidão de santos que João afirmou ninguém poder contar, vindas de todos os povos. Ambas as santidades são dom inteiramente gratuito de Deus. O título de “santo” era palavra reservada a Deus, no Antigo Testamento. Jesus Cristo transmite Sua santidade à Igreja por meio dos sacramentos, que trazem ao homem a vida de Deus. A santidade é dom do amor de Deus e resposta nossa à iniciativa divina.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura Ap 7, 2-4.9-14

O apóstolo João é o autor deste último livro do Novo Testamento, intitulado Apocalipse (revelação). O gênero literário, muito usado pelos judeus (cf. o livro de Daniel), apresenta aos olhos do leitor uma série de visões, ou revelações muito simbólicas, tendo um sentido oculto. O trecho proposto para nossa meditação está no meio da seção que se denomina “os sete selos”. Estes são

abertos por Jesus que, por meio de Sua Paixão, revela o designio da salvação de Deus. A visão tem por finalidade indicar como os “assinalados” são abençoados e protegidos por Deus. Essa salvação é para todos e o modo de obtê-la é através das provações que os fiéis devem enfrentar.

2ª leitura 1 Jo 3, 1-3

Nesta carta, a idéia central é a de que Deus é amor e luz. Devemos conduzir-nos como filhos da luz, ou seja, fugir da concupiscência, guardar os mandamentos, sobretudo o da caridade, e arrependermos sinceramente, se nos acontecer cair em pecado. João considera aqui o cristão na sua realidade concreta, unido ao Pai pelo Filho. E indica o motivo dessa união: ser ele agora filho de Deus e, portanto, objeto do amor do Pai. Tal realidade não pode ser compreendida por quem não conhece a Deus. João ensina que o caminho que conduz à santidade, dom divino, passa pela purificação, pois apenas os corações puros verão a Deus.

Evangelho Mt 5, 1-12a

Não existe uma única interpretação das bem-aventuranças. O importante, porém, por detrás de cada uma das explicações, é ficar bem claro que Deus vem a nós de modo real e gratuito, esperando nossa resposta a seu convite para a santidade. As bem-aventuranças anunciadas por Jesus são fórmulas curtas de tom profético, que proclamam a chegada do Reino, prevista pelo profeta Isaias, que via nos pobres, nos esfomeados e nos aflitos, os beneficiários da salvação de Deus. O evangelista Mateus escreve que o reino de Deus já está aqui para quem sabe percebê-lo, através de uma vida conforme à Sua justiça. Assim,

os pobres se beneficiarão com a promessa do Reino por sua atitude espiritual e não apenas por seu estado social. Para aprofundar essa doutrina, acrescenta que são felizes os misericordiosos (que praticam a caridade e o perdão); os mansos (que é outra maneira de chamar os pobres, de novo, no plano espiritual); os pacíficos (os que lutam pela paz); e os de coração puro (não no sentido do cumprimento ritual da limpeza no Templo (cf. Mt 15, 1-2)), mas de uma pureza mais espiritual. A expressão “povo santo” está presente na grande prece eucarística imediatamente após a consagração, quando a Igreja, pelas mãos do sacerdote, oferece ao Pai a hóstia santa e sem mácula. Tal é o nome próprio do povo congregado pela Eucaristia. A celebração eucarística é o lugar por excelência em que o povo eclesial, graças à partilha da Palavra e do Pão, é constituído povo santo. A santidade de Cristo Ihe é comunicada, quando come Seu próprio corpo. As exigências concretas de vida que ela comporta Ihe são manifestadas na proclamação da Palavra. Enfim, na celebração eucarística, o povo eclesial já está estabelecido nos vínculos de fraternidade que definem, em Jesus Cristo, a Família do Pai.

PARA REFLEXÃO

Pela santidade, dom de Deus, somos convidadas a ficar unidos a Ele. Estamos conscientes de que a união fraterna é consequência disso? Cremos na comunhão dos santos, a saber, temos consciência das graças que o Senhor pode conceder aos irmãos, por nossas preces e sofrimentos a Ele oferecidos? Como entendemos, hoje: Bem-aventurados os que têm coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus? ■

Vivos para sempre!



32º Domingo do Tempo Comum
8 de novembro de 1998

INTRODUÇÃO

Nascemos, crescemos, constituímos uma família, educamos nossos filhos, trabalhamos, alimentamos sonhos e esperanças e, por fim, morremos. Tudo acaba, tudo desaparece. Interrompem-se o diálogo de amor com a mulher, o carinho dos filhos, as relações de amizade com outras pessoas. Depois, voltamos a ser nada. Mas Deus nos terá criado para um destino tão cruel?

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura 2Mc 7, 1-2.9-14

Deus foi revelando, aos poucos, o mistério contido no após-morte. Os primeiros livros da Bíblia registram que, em épocas remotas, os judeus não acreditavam em outra vida. Só muito mais tarde, cerca de 170 anos antes do nascimento de Jesus, começou-se a falar de um despertar daqueles que estão dormindo no pó da terra (cf. Dn 12, 2). É nesse período que deve ser enquadrado o terrível episódio narrado hoje. As corajosas respostas dos primeiros quatro irmãos, ameaçados de morte pelo rei perverso, constituem uma profissão de fé na ressurreição dos mortos. É a primeira vez que são feitas afirmações

tão claras desta verdade, no Antigo Testamento. Não devemos pensar, porém, que a fé deles na existência de outra vida fosse idêntica à nossa. Eles não poderiam ainda imaginar o que Deus realizaria, um dia, quando ressuscitasse seu Filho do sepulcro.

2ª leitura 2Ts 2,16 - 3, 1-5

A fé na ressurreição modifica todo o nosso modo de considerar a existência do homem. Deve, pois, ser alimentada com a oração, recomendada por Paulo. Mas por que rezar? Pode-se entrever a resposta nas suas palavras: não se pode alcançar a salvação, dom de Deus, pelas próprias forças, mas com o auxílio divino, obtido na oração incessante. O apóstolo pede que rezem também por ele, pois, de fato, são muitas as dificuldades que deve enfrentar. Mas mostra-se confiante no Senhor. Sabe que a oração lhe dará forças para manter sempre o sorriso e para amar também quem pratica o mal. Pela graça do Senhor continuará se dedicando ao apostolado sem buscar os próprios interesses, sem exigir que o bem praticado seja reconhecido e aprovado imediatamente.

Evangelho Lc 20, 27-38

Os mártires macabeus pensavam que a ressurreição fosse um aperfeiçoamento da vida deste mundo. No tempo de Jesus, os fariseus diziam que, no céu, não haveria sofrimentos; mas sim pão, carnes e vinhos em abundância. Por outro lado, os saduceus negavam a ressurreição. Tendo percebido que, neste ponto, Jesus estava do lado dos fariseus, provam-no com um caso complicado. O Mestre responde que a objeção deles parte do pressuposto de que a vida futura seja a continuação aperfeiçoada desta. A vida com Deus, revela, é uma

realidade completamente diferente. Mas, como será, então? Ninguém pode saber. Nossa mente limitada não conseguiria entender. Existem cristãos que ainda imaginam a ressurreição como os fariseus. Entendem, por exemplo, qual é o destino do homem depois da morte os que continuam tendo medo dos defuntos e os que pensam que eles podem nos provocar desgraças? Quem já se encontrou com Deus poderá causar mal a alguém? Por outro lado, certas práticas de ajuda aos defuntos mais parecem uma transação comercial com Deus para conseguir algum desconto das penas, em benefício das almas dos nossos entes queridos que se encontram no purgatório. Os sufrágios pelos defuntos têm grande valor, mas devem ser entendidos de uma forma correta, isto é, de acordo com a nossa fé na vida eterna. Têm seu fundamento na certeza de que a ressurreição de Cristo derrubou todas as barreiras que separavam os vivos, dos defuntos. Formamos juntos uma única família, embora nem todos se encontrem na mesma condição. Quando nos reunimos ao redor do banquete eucarístico, sabemos estar em comunhão com os irmãos no céu. Queremos dizer-lhes que nos lembramos somente do bem que praticaram. Tiveram algumas fraquezas? Sim, mas sabemos que agora tudo isso acabou, porque foram purificados pelo encontro com o "fogo" do amor de Deus.

PARA REFLEXÃO

Os que se dedicam à causa do Evangelho sabem que passarão pelas mesmas provas que Paulo suportou? Empenhamo-nos pela vida, melhorando a situação dos necessitados? Nossos atos demonstram que cremos, de fato, na ressurreição? ■



Nada de desânimo!



33º Domingo do Tempo Comum
15 de novembro de 1998

Na liturgia deste domingo não se fala do fim da terra, mas sim do “fim do mundo”, dominado pelo pecado, pelo sofrimento, pela injustiça e pelo ódio. Este será aniquilado — diz o Senhor — e cederá seu lugar ao “mundo novo” que já começou nos momentos da morte e da ressurreição de Cristo.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura **MI 3, 19-20a**

Continuam os roubos, as opressões, as violências contra os fracos. Faltam as coisas mais indispensáveis: a comida, a roupa, terra para cultivar e uma casa para morar com a família. Há todos os motivos para se perder a confiança em Deus. Adianta alguma coisa ser fiel à Lei do Senhor? Os que praticam o mal prosperam, escapam ao castigo divino e ainda zombam dos que se esforçam para ser honestos. O profeta Malaquias ouve estas queixas mas não fica indignado. Ao contrário, dirige ao povo palavras de conforto e de esperança: continuai sendo fiéis ao Senhor e logo perceberéis a diferença entre o justo e o ímpio, entre quem serve a Deus e quem não o serve (cf. MI 3, 18). É

neste ponto que começa a leitura de hoje. A terrível ira de Deus significa o seu imenso amor. Não se volta contra os pecadores, mas contra os pecados. O “fogo” simboliza a intervenção de Deus no mundo para acabar com toda a forma do mal. A mensagem desta leitura, portanto, não é para incutir medo, mas consolo e esperança.

2ª leitura **2Ts 3, 7-12**

As duas cartas endereçadas por Paulo aos tessalonicenses devem ter sido escritas por volta do ano 50. Nesta, a segunda, ele previne seus leitores contra as falsas idéias relativas ao retorno glorioso do Senhor, que, então, alguns fanáticos afirmavam estar próximo. Por causa disso, achavam que não valia mais a pena trabalhar. Viviam às custas dos outros e ainda ridicularizavam todos os membros da comunidade. O apóstolo adverte-os severamente e lembra-lhes seu próprio exemplo de ter buscado sempre o sustento com trabalho.

Evangelho **Lc 21, 5-19**

Lucas escreveu seu evangelho mais ou menos na mesma época em que Paulo dirigiu sua *Carta aos Tessalonicenses*. Ambos preveniam suas comunidades sobre o fato de que, quando ocorrem perturbações políticas, guerras, quando se alastram a fome, as epidemias, as injustiças e quando a situação de miséria se torna insuportável, facilmente se espalham no meio do povo boatos sobre o fim do mundo. E há sempre cristãos simplórios que acabam se deixando fisgar pelos fanáticos de alguma seita. Jesus afirma que é necessário que tudo isso aconteça primeiro, mas não virá logo o fim. E ainda esclarece: quando virdes que vão sucedendo

essas coisas, sabereis que está perto o reino de Deus. O mundo novo já começou, mas a sua manifestação será lenta e penosa. O fim do reino do pecado não deve ser confundido com a destruição da terra na qual vivemos. O evangelho nos leva a refletir sobre a única coisa que nos deve interessar: o que fazer, concretamente, em nossa vida, para colaborarmos com o advento do *mundo novo*, do reino de Deus. A revelação de coisas futuras por imagens enigmáticas era muito comum no tempo dos apóstolos. Jesus as usou para dizer-lhes que tinha chegado o tempo da passagem do mundo antigo para o novo. Se não nos apercebermos disso, as palavras do Mestre poderiam nos causar medo, quando, na verdade, são anúncio de alegria e de esperança. Compreenderemos, então, por que Jesus exorta seus discípulos: *Não vos assusteis!* E acrescenta que os sinais da chegada do Reino não são os aplausos, mas as perseguições: a calúnia, a hipocrisia, a corrupção e a violência. Os seguidores de Jesus de Nazaré deverão estar convictos de que sua força consiste naquilo que o mundo considera fraqueza e fragilidade: a verdade, o amor e o perdão.

PARA REFLEXÃO

Terão os cristãos das nossas comunidades aprendido a ler os acontecimentos da própria vida sob a ótica do *mundo novo*? Quando enfrentam dificuldades, o que fazem hoje os discípulos de Cristo? Desanimam? Ou se reanimam e levantam suas cabeças, na certeza da libertação que se aproxima? Estão conscientes de que o *mundo novo* deve ser construído aos poucos, com muita paciência, com muitos sacrifícios...e ser começado dentro de cada um? ■

Realeza do serviço



Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

22 de novembro de 1998

INTRODUÇÃO

Nos últimos domingos, tivemos oportunidade de refletir sobre a humildade, a partilha, a oração, a fé, enfim sobre o reino de Deus. Hoje, somos convidados a conhecer o Rei. Não está com roupas de luxo, nem sentado num trono. É modelo fiel do que nos pediu para entrarmos no Reino. Suas palavras são de perdão e de amor.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura 2Sm 5, 1-3

De maneira bem resumida, é narrado um dos acontecimentos fundamentais da história de Israel: o início do reino de Davi, grande e poderoso. Mas, após a morte de seu filho, Salomão, as tribos se separam e Israel volta a ser um povo insignificante. A partir daí, todos os israelitas passaram a implorar a Javé que lhes enviasse o Messias. Este reconstruiria o grande reino de Davi, tornando-se dominador do mundo.

2ª leitura Cl 1, 12-20

Jesus é o Messias tão esperado. É a resposta de Deus às orações de

seu povo. Ele domina sobre todas as coisas. Eis a mensagem tranquilizadora de Paulo aos colossenses. Em seu meio, tinham aparecido maus pregadores ensinando que os céus eram povoados por espíritos que influenciavam a vida das pessoas. O apóstolo ensina que Jesus, após ter vencido a morte, abriu para todos o caminho para Deus. Ele submeteu ao poder de seu Filho os Tronos, as Dominações, os Principados e as Potestades (nomes dos espíritos que os cristãos de Colossos pensavam que tinham poder sobre suas vidas).

Evangelho Lc 23, 35-43

Jesus está pregado na cruz. Tem a seu lado dois ladrões. Sobre a sua cabeça está colocada uma inscrição: Este é o rei dos judeus. Que estranha realeza é esta de Jesus! É exatamente o contrário daquela que os judeus esperavam. Sonhavam que o messias seria rico, revestido de mantos preciosos, sentado num trono esplendoroso. O Messias veio e desconcertou a muitos. Há, ainda hoje, quem identifique o reino de Cristo com as vitórias e os triunfos dos cristãos e com o respeito que os chefes da Igreja conseguiram incutir aos poderosos deste mundo. Às vezes, continuamos projetando no Cristo os nossos grandiosos sonhos de magnificência. Esquecemo-nos de que o reino de Deus não é deste mundo. Se fosse, seus súditos certamente teriam lutado para que não fosse preso (cf. Jo 18, 36). Lucas parece dirigir um apelo aos cristãos das comunidades: contemplai o vosso rei pregado na cruz! Diante desse quadro, torna-se ridícula qualquer ambição de glória de nossa parte, qualquer vontade de domínio, qualquer desejo de alcançar os primeiros lugares, de receber aplausos, elogios e títulos honoríficos.

Não é fácil para nós aceitarmos a idéia de que Cristo-Rei triunfa quando perde, no momento em que ele doa a própria vida. Este soberano que reina do alto de uma cruz nos perturba, porque exige uma mudança radical nos caminhos de nossa vida. Exige, por exemplo, que ofereçamos o perdão sem condições a quem nos prejudica. Ele pediu ao Pai que não levasse em conta o desprezo e a descrença dos chefes do povo. Se Jesus descesse da cruz, todos acreditariam num Deus forte e poderoso que derrota e esmaga os próprios inimigos, que responde com prodígios às provocações, incutindo temor e respeito. Mas este não é o Deus de Jesus. Sua onipotência não é a de domínio, mas a de serviço. E vimos isso em Jesus que se inclina para lavar os pés dos discípulos. É este o autêntico semblante do Deus onipotente, o Rei do Universo. Pode parecer estranho para nossa tendência de guardar ressentimentos, o perdão pronto de Jesus ao ladrão, sem mais cobranças. Bastou-lhe constatar a sinceridade do pedido. Seu gesto misericordioso foi fiel à pregação que fizera de acolhimento dos pecadores.

PARA REFLEXÃO

Qual é o Deus onipotente que os cristãos das nossas comunidades adoram: é ainda o Deus que castiga, intervindo com milagres para lembrar a todos que ele é o soberano? Entendem que a única maneira de dar glória a Deus é descendo ao último lugar para servir o pobre? Afinal, que idéia fazemos de Cristo como rei do universo? Que podemos fazer para que nossa catequese ofereça uma doutrina sobre Cristo mais ajustada ao que nos diz o Evangelho? ■



LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DE SEMANA DE NOVEMBRO

31ª Semana do Tempo Comum

Dia 2 - segunda: *Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos.* Jó 19, 1.23-27a = Meu Defensor está vivo. Romanos 5, 5-11 = Seremos salvos por Jesus. João 6, 37-40 = Quem crê no Filho tem a vida eterna.

Dia 3 - terça: Filipenses 2, 5-11 = Jesus Cristo se humilhou, por isso Deus o exaltou. Lucas 14, 15-24 = Parábola do grande banquete: vai convidar a todos!

Dia 4 - quarta: Filipenses 2, 12-18 = Perseverança no esforço pela perfeição. Lucas 14, 25-33 = Renunciar a tudo para seguir Jesus.

Dia 5 - quinta: Filipenses 3, 3-8a = Em comparação com estar com Cristo tudo é desprezível! Lucas 15, 1-10 Parábolas da ovelha tresmalhada e da moeda perdida.

Dia 6 - sexta: Filipenses 3, 17 - 4, 1 = Para eles, deus é o ventre; nós somos cidadãos do céu. Lucas 16, 1-8 = Parábola do administrador — exemplo de esperteza.

Dia 7 - sábado: Filipenses 4, 10-19 = Paulo agradece a ajuda recebida. Lucas 16, 9-15 = Bom uso do dinheiro. ■

32ª Semana do Tempo Comum

Dia 9 - segunda: *Dedicação da Basílica do Latrão* - Ezequiel 47, 1-2. 8-9 = A fonte maravilhosa que jorra do templo. João 2, 13-22 = Jesus expulsa os vendilhões do Templo de Jerusalém.

Dia 10 - terça: Tito 2, 1-8.11-14 = Efeitos da graça de Deus. Lucas 17, 7-10 = Lição de humildade: somos pobres servos...

Dia 11 - quarta: Tito 3, 1-7 = Submissão às autoridades e paciência livre de todo ódio. Lucas 17, 11-19 = O leproso agradecido dentre os dez curados.



Dia 12 - quinta: Filêmon 7-20 = Intercessão por Onésimo. Lucas 17, 20-25 = Vinda do reino de Deus: já está no meio de vós.

Dia 13 - sexta: 2João 4-9 = Praticar a caridade mútua e acautelar-se dos falsos profetas. Lucas 17, 26-37 = O Filho do homem chegará repentinamente.

Dia 14 - sábado: 3João 5-8 = Acolher os colaboradores da verdade. Lucas 18, 1-8 = A viúva importuna e o juiz iníquo. ■

33ª Semana do Tempo Comum

Dia 16 - segunda: Apocalipse 1, 1-4; 2, 1-5a = Prólogo; mensagem à Igreja de Éfeso. Lucas 18, 35-43 = Cura de um mendigo cego em Jericó.

Dia 17 - terça: Apocalipse 3, 1-6.14-22 = Mensagens às igrejas de Sardes e de Laodicéia. Lucas 19, 1-10 = Zaqueu, chefe de publicanos, muito rico, recebe Jesus.

Dia 18 - quarta: Apocalipse 4, 1-11 = Visão da corte celeste. Lucas 19, 11-28 = Parábola do dinheiro emprestado a dez servos.

Dia 19 - quinta: Apocalipse 5, 1-10 = O Cordeiro redentor e o livro selado. Lucas 19, 41-44 = Jesus chora ao ver Jerusalém.

Dia 20 - sexta: Apocalipse 10, 8-11 = João (evangelista) come o pequeno

livro aberto. Lucas 19, 45-48 = Vendilhões expulsos do templo.

Dia 21 - sábado: Apocalipse 11, 4-12 = Morte e ressurreição das duas testemunhas de Cristo. Lucas 20, 27-40 = Mulher e sete maridos sucessivos: como serão na ressurreição? ■

34ª Semana do Tempo Comum

Dia 23 - segunda: Apocalipse 14, 1-3.4b-5 = O Cordeiro e seus eleitos, resgatados, irrepreensíveis. Lucas 21, 1-4 = Oferta da viúva pobrezinha.

Dia 24 - terça: Apocalipse 14, 14-19 = Duplo julgamento: ceifa e vindima, porque chegou a hora! Lucas 21, 5-11 = Sinais precursores da grande ruína: destruição, perseguição...

Dia 25 - quarta: Apocalipse 15, 1-4 = Os vencedores cantavam o cântico de Moisés e do Cordeiro. Lucas 21, 12-19 = Fim dos tempos: guerras, fome, fenômenos, perseguição...

Dia 26 - quinta: Apocalipse 18, 1-2.21-23; 19, 1-3.9a = Castigo de Babilônia. Lucas 21, 20-28 = Ruína de Jerusalém, julgamento de Deus.

Dia 27 - sexta: Apocalipse 20, 1-4.11 - 21, 2 = Sorte do dragão; julgamento geral. Lucas 21, 29-33 = Sinais da primavera do Reino: estai de sobreaviso!

Dia 28 - sábado: Apocalipse 22, 1-7 = A vida no céu, na visão eterna de Deus. Lucas 21, 34-36 = Para que o grande dia não vos apanhe de improviso, vigiai! ■

1ª Semana do Advento

Dia 30 - segunda: *Santo André, apóstolo.* Rm 10, 9-18 = A fé, condição para a salvação. Mt 4, 18-22 = Início da pregação de Jesus. Os primeiros discípulos. ■

Malaquias

Autor anônimo. O nome provém de “mensageiro” que em hebraico é mal’akí. Anuncia a chegada do “Dia do Senhor” mas deve-se esperá-Lo dentro das exigências éticas e de culto. Denuncia a leviandade dos sacerdotes e a infidelidade no matrimônio, condenando o divórcio. A sua visão de um culto universal a IAHWEH (1, 1) representa uma das idéias mais elevadas do messianismo no Antigo Testamento.

____ (2, 9) aviltantes.
30 45 93 1 60 14 96 25 91 74 69 52

____ (1, 14) trapaceiro;
39 3 12 63 94 42 66 50 36 82 21 impostor.

____ (1, 1 ; 3, 1) Mensageiro.
73 24 81 37 53 15 41 68 58

____ (2, 8) estrada.
59 70 77 86 33 101 13

____ (1, 3) região árida.
49 5 35 75 84 67 22

____ (2, 6) instruiu.
27 100 19 95 11 38 54

____ (1 11) ocidente.
23 62 18 56 28 99

____ (1, 2) filhos dos mesmos pais.
61 89 71 90 40

____ (1, 5) igual.
47 55 98 16 80

____ (3, 15) atrevem-se.
92 8 32 88 44

____ (3, 19) galhos.
103 83 20 34 46

PROFETAS MENORES: chamados assim pelos seus livros de menor extensão. Como todos os profetas, denunciam castigos pelas faltas cometidas, assim como prêmio à conversão. Neste tempo em que se fala mais na misericórdia do Deus-Pai, encontremos suas mensagens de esperança.

Encontre as palavras pedidas nos versículos indicados. Transporte as letras aos números correspondentes no diagrama e terá uma frase de Malaquias.

____ (3, 5) aquela, cujo o marido morreu.
4 72 51 79 10

____ (2, 5) designa ser ou coisa.
6 97 43 78

____ (3, 3) metal precioso.
31 76 9 2

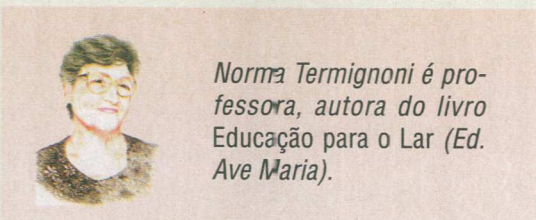
____ (3, 6) população.
87 29 64 57

____ (2, 9) a totalidade.
7 48 26 65

____ Tritura; esmaga.
17 102 85



“
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16
17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32
33 34 35 ? 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48
49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 ?...
64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78
79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93
94 95 96 97 98 99 100 101 102 103
...” (Mal 2,10 a; 3, 7 b)



Norma Termignoni é professora, autora do livro Educação para o Lar (Ed. Ave Maria).



>>> (continuação da página 24) sentar novos perigos: a qualquer instante poderia transpor a cerca de uma casa e levar uma maçã, uma vaca, a mulher ou um filho.

Como resultado dessas ameaças, surgiu a necessidade de se proteger, de maneira mais eficaz, dos conflitos entre os indivíduos e entre os grupos sociais. Para resguardar sua família e suas conquistas, o homem precisaria de ter muitos filhos homens, que seriam uma garantia de força nas lutas e também de mão-de-obra pesada.

E foi nesse instante que a mulher perdeu ainda mais sua importância na comunidade. Como não representava força de trabalho e de luta, teve de restringir seu papel à procriação e manutenção da casa e dos filhos. A filha passou a ser vista como um problema e, além disso, como objeto de cobiça de outros machos, o

que representava maior risco.

O filho foi mais valorizado somente pelo fato de servir como instrumento de proteção da família. Mas, ao contrário do que poderíamos imaginar, não tinha vida própria, porque era um soldado que deveria estar disponível para proteger o dono do clã. E, assim, foi manipulado, tanto pelo pai como pela mãe, para ser a força de luta. Além disso, apenas o filho mais velho tinha direitos na ausência do pai. A mãe passou a prestar contas e fazer o jogo do senhor, enquadrando o filho nas exigências do pai.

A dominação do homem não foi inicialmente uma idéia maldosa. O peso da dominação do homem sobre a mulher, que carregamos até hoje, provém dos desvios da história da nossa sociedade. É evidente que, nos seus primórdios, existiu uma idéia afetiva que a

impulsionou. Surgiram o afeto e o amor na relação primária entre o homem e a mulher. Do contrário, dificilmente seria possível ao macho dominar a fêmea.

Mesmo na maneira de se educar os filhos, para que eles servissem ao pai, havia a visão de que aquilo era o melhor para se oferecer a eles. Não existia maldade nem má intenção por trás desses comportamentos. A lógica era primária, de causa e efeito.

O mesmo acontece ainda hoje. Os pais continuam querendo o bem de seus filhos.

Casar e ter filhos, então, passou a ser sinônimo de sucesso. A sociedade supervalorizou o demonstrativo e se esqueceu da essência.

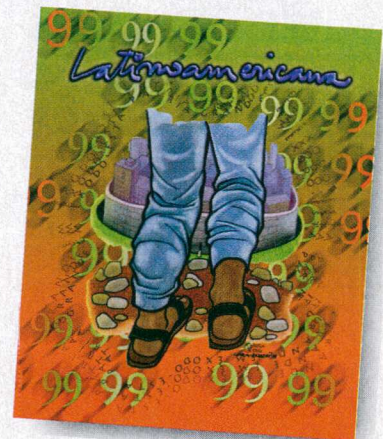


Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro **Ciúme**, Editora Roka, tel.: (011) 222-1458.

ADQUIRA JÁ!

Agenda da solidariedade Latinoamericana

- Análises de conjuntura; endereços de entidades (inclusive Internet); martirologio!
- Em sintonia com as "Grandes Causas": indígena, popular, negra, feminina, ecológica!
- Dentro do espírito da Teologia da Libertação!



AUTORES:

D. Pedro Casaldáliga e
Pe. José María Vigil

P E D I D O S

editora **OLHO** (011) 263-1287
ÁGUA
Rua Dr. Homem de Melo, 1036
CEP: 05007-002 • São Paulo, SP

pela INTERNET - <http://www.olhodagua.com.br>

Maiara

NANDO! VAMOS BRINCAR?

OI MAIRA! NÃO DA!
TENHO QUE TRABALHAR!

TRABALHAR? VOCÊ
SÓ TEM NOVE ANOS!

MAS PRECISO AJUDAR EM CASA!
MINHA MÃE TRABALHA MUITO!

DEPOIS...

BOM DIA, SR. GERSON!

BOM DIA, NANDO! E AÍ, FOI BEM
NA PROVA ONTEM?

NÃO MUITO BEM... NÃO TENHO TEMPO
DE ESTUDAR... E QUANDO CHEGA NA
AULA, ESTOU CANSADO E NÃO CONSIGO
PRESTAR ATENÇÃO!

MEU IRMÃO, QUE ESTÁ DESEMPREGADO,
ÀS VEZES ME ENSINA, MAS ELE
TAMBÉM NÃO SABE MUITA COISA...

E, VOCÊ TEM TRABALHADO
MUITO AQUI, FILHO... É MUITO
ESFORÇO...

SEI QUE ESTOU ERRADO EM EMPREGAR
UMA CRIANÇA... MAS ESTOU VELHO E
PRECISO DE UM AJUDANTE...

AH!

NANDO! VÁ PARA CASA E CHAME SEU
IRMÃO, QUE ESTÁ DESEMPREGADO!

DEPOIS...

E AÍ, MAÍRA, ELE CONTRATOU MEU IRMÃO E AINDA NCS DA CESTA BÁSICA TODO MÊS!

QUE BOM! AGORA VOCÊ ESTÁ LIVRE...



O melhor presente que você pode dar a uma criança, no seu dia, é o direito de ser criança!



EU FICO ASSIM...

DESENHE NOS ROSTOS DE CADA COLEGUINHA COMO ELE FICA QUANDO VOCÊ...

...O CULPA POR ALGO QUE NÃO FEZ...	...FALA MAL DELA...	...PEGA UMA COISA DELE SEM PEDIR...
EX:		EX:
...DIVIDE COM ELA SEU NOVO BRINQUEDO...	...LHE APRESENTA NOVOS AMIGOS...	...NÃO A PERDOA...
...QUER MANDAR EM TODAS AS BRINCADEIRAS.	...O CONSOLA NUMA HORA TRISTE...	...O ELOGIA...

O QUE É O QUE É?

"TÊM O MESMO NOME, SEJA NO BRAÇO, SEJA NO FÊ, MAS UMA É CHEIROSA E OUTRA NÃO É!"

BEIJOS para

Fernanda Ferreira
 Mariana Baccarin
 Barbara Baccarin
 Jéssica Natalio
 João Santiago e a todos as
 crianças!!
 Maíra

us! vamos publicar as suas ideias, tá?



Oi turma! Estamos no mês de setembro; é o mês da Primavera, começam as flores, surgem novos bichinhos, que gostoso! Escreva prá gente contando o que você acha da natureza e o que sente por ela! Um beijo Maíra. TURMA DA MAIRA — Rua Aníbal de Almeida Fessoa, 92 - Aldeia de Barueri — Cep. 06440-250 - Barueri. SP



FACULDADES CLARETIANAS

Processo Seletivo - 99

Matrículas Abertas

Rio Claro



Av. Hum s/n - Seminário Claret
13503-250 - Rio Claro - SP
(019) 524 9700
www.claretianas.com.br

- Planejamento Administrativo e Programação Econômica
- Ciências Contábeis
- Técnico em Edificações
- Secretariado Executivo

São Paulo



R. Jaguaribe, 699 - Sta Cecília
01224-001 - São Paulo - SP
(011) 825 3377
www.uniclar.com.br

- Administração
- Tecnologia em Processamento de Dados

Batatais



R. Dom Bosco, 466 - Castelo
14300-000 - Batatais - SP
(016) 761 4777
www.claret.com.br

- Fisioterapia
- Educação Física
- Pedagogia
- Letras
- Ciências/ Matemática
- Filosofia

PORTE PAGO

ECT - DR/SP

ISR-40 - 2837/ 81

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666 2128 / 3666 2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

IMPRESSO